



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPOS LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
ARQUEOLOGIA BACHAREL

RAIMUNDA NONATA BARRETO ROCHA

UM OLHAR ETNOARQUEOLÓGICO: CATADORAS TRADICIONAIS DE
MOLUSCOS, DA COMUNIDADE DO POVOADO PASTORA, MUNICÍPIO DE
LARANJEIRAS – SE

Laranjeiras
2018/1

RAIMUNDA NONATA BARRETO ROCHA

UM OLHAR ETNOARQUEOLÓGICO: CATADORAS TRADICIONAIS DE
MOLUSCOS, DA COMUNIDADE DO POVOADO PASTORA, MUNICÍPIO DE
LARANJEIRAS – SE

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Magalhães Klokler.

Laranjeiras

2018/1

Ficha de Catalogação

RAIMUNDA NONATA BARRETO ROCHA

UM OLHAR ETNOARQUEOLÓGICO: CATADORAS TRADICIONAIS DE
MOLUSCOS, DA COMUNIDADE DO POVOADO PASTORA, MUNICÍPIO DE
LARANJEIRAS – SE

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Magalhães Klokler.

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Magalhães Klokler.

Prof^a. Dr^a.

Prof^a. Dr^a.

AGRADECIMENTOS

Finalizando essa pesquisa, encerro também mais um capítulo de minha vida, com a sensação de mais uma missão cumprida. Com tantos sonhos concretizados, agradeço a Deus, em alto e bom tom, pela criação da minha figura – dotada de grande autoestima, guerreira e vitoriosa em todas as minhas batalhas; caso desprovida fosse de todas essas qualidades, jamais alcançaria meus objetivos. Obrigada meu DEUS.

Agradeço aos meus filhos Ângelo, Daiane e Gilliane; aos meus genros Daniel e Márcio André; à nora Elisângela; aos meus netos Jéssica, Valter, Larissa, Vitória, Sofia, Mayle e ao bisneto David, por compreenderem a minha ausência, quando clamavam minha presença. Agradeço com carinho aos meus mestres, que a cada período foram construindo o alicerce do meu conhecimento, dentro da Arqueologia; à minha orientadora Dra. Daniela Klokler; aos meus colegas do curso que deixaram as suas marcas registradas nessa página, encerrada, jamais esquecida, em especial a Romeu da Silva e Leandro (Timor Leste), Wendson, Vanessa, Cristian, Grace, Paula e Francisco dos Santos (Chico).

Agradeço aos meus anjos de quatro patas, Luke e Spike (BorderCollies) dotados de uma doçura única e de uma energia inesgotável, sempre querendo brincar mais, mais e mais, muito contribuíram para os meus momentos de descontração.

Sou grata a Deus, por essa amiga-companheira: Paula, com quem compartilhei meus sonhos e medos. Não consigo encontrar palavras que expressem o meu carinho por ela; então, simplesmente digo: amiga, obrigada! Te gosto de montão e estou aqui para o que der e vier.

Registro aqui o meu carinho e agradecimento às mariscadoras D. Iná (Ná); D. Terezinha (Teka); D. Creuza; D. Ana Maria, e a todos que me acompanharam ao mangue; agradeço aos rapazes da canoa que nos resgataram (minha parceira Paula e eu), quando ficamos encalhadas na lama do manguezal, durante a pesquisa de campo realizada para esse trabalho.

“Meu caminho é feito com pés valentes. Mesmo quando cansados, arriscam mais um passo. É essa doce valentia que me trouxe até aqui” (Autor desconhecido).

RESUMO

Desde a pré-história, grupos humanos já exploravam os ambientes aquáticos através das atividades de pesca, de coleta de crustáceos e moluscos para sua subsistência; essa prática ainda observamos no presente, de grande importância para sobrevivência de populações ribeirinhas ou litorâneas. O objetivo dessa pesquisa, pelo viés da Etnoarqueologia, foi de buscar informações, quanto aos instrumentos usados para captura dos moluscos e dos crustáceos, às técnicas de coleta, de descarte das conchas, ao transporte do produto coletado, participando das atividades de coleta das mariscadoras do Povoado Pastora, localizado no município de Laranjeiras SE, para inferir possíveis semelhanças entre conhecimentos tradicionais de mariscadoras atuais e o dos grupos pré-coloniais marisqueiros. Focamos nosso contraste com população sambaquieira, usando o conjunto de estudos de pesquisadores que desenvolveram trabalhos nestes grupos costeiros, com intenção de melhor interpretar a cadeia operatória das atividades de subsistência dessa população construtora dos sambaquis. Comparando os dados obtidos com a cadeia operatória da estratégia de subsistência de grupos sambaquieiros, descritas na literatura acadêmica, que trabalha o mesmo tema, encontramos similaridade na cadeia operatória das atividades extrativas dos moluscos das mariscadoras do Povoado Pastora. As semelhanças relacionam-se às estratégias de coleta, aos instrumentos, ao transporte, às técnicas, e ao beneficiamento dos moluscos.

Palavras- Chave: Etnoarqueologia, Sambaqui, Subsistência.

ABSTRACT

Since prehistory, human groups have already explored the aquatic environments, through fishing activities, the collection of crustaceans and molluscs for their subsistence; this practice are still observed in the present, of great importance for the survival of riverside or coastal population. The objective of this research, through the ethnoarchaeological bias, seeks information on the instruments used to capture molluscs and crustaceans, techniques for collecting, discarding the shells, transporting the collected product, participating in the activities of collecting shellfish from the shellfishers of the Pastora Village, located in the municipality of Laranjeiras SE, to infer possible similarities between the traditional knowledge of present-day shellfishers and pre-historic shellfish groups. We focused our contrast with sambaqueiira population, using the set of studies of researchers, who developed work in these coastal groups, with the intention of better interpreting the operative chain of the subsistence activities of this sambaquis construction population. Comparing the obtained data, with the operative chain of the subsistence strategy of sambaqueiros groups, described in the academic literature, that works the same theme, we found similarity in the operative chain of the extractive activities of the molluscs, of the shellfishers of the Pastora Village; the similarities, are related to the collection strategies, instruments, transport, techniques, and processing of molluscs.

Key Words: Ethnoarchaeology, Sambaqueiro, Subsistence activity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do Povoado Pastora, município de Laranjeiras – SE.....	21
Figura 2 – Localização de laranjeiras no estado de Sergipe.....	28
Figura 3 Sururu (<i>Mytella</i> spp).....	30
Figura 4 – Sutinga (<i>MytellaGuyanensis</i>).....	30
Figura 5 – Ostra (<i>Crassostrearahizophorae</i>).....	31
Figura 6 – Maçunim (<i>Anomalocardia brasileira</i>).....	31
Figura 7 – Itã (<i>Lucina pectinata</i>).....	32
Figura 8 – Imagem da croa.....	32
Figura 9 – Descarte aleatório das conchas.....	36
Figura 10 – Imagem do Rio Cotinguiba. Localização do sitio.....	37
Figura11 – Imagem do Rio Cotinguiba.....	37
Figura 12 – Imagem da ponte entre o município de Laranjeiras e N. Senhora do Socorro. Local inicial de nossa pesquisa.....	38
Figura 13 – Acesso seguindo o rio ao Povoado Pastora.....	38
Figura 14 – Acesso ao mangue, saindo do Povoado Pastora.....	40
Figura 15 – Transporte de apetrechos.....	40
Figura 16 – Estrada que dá acesso a Pastora saindo do mangue.....	41
Figura 17 – Coleta em grupo.....	44
Figura 18 – Faca usada para extração dos moluscos.....	45
Figura 19 – Facão.....	46
Figura 20 – Rede de arrasto.....	47
Figura 21 – Candeeiro.....	47
Figura 22 – Enxada.....	48

Figura 23 – Caixa plástica vasada.....	48
Figura 24 – Lenha morta.....	49
Figura 25 – Fogão a Lenha.....	50
Figura 26 – Vegetação do Manguê exposto.....	50
Figura 27 – Coleta do sururu.....	52
Figura 28 – Coleta do sutinga.....	52
Figura 29 – Mariscadoras tirando o excesso de sedimentos do sutinga.....	53
Figura 30 – Coletando maçunin na croa.....	53
Figura 31 – Coleta do Itã.....	54
Figura 32 – Coleta de ostra do manguê.....	55
Figura 33 – Coleta da ostra d'água.....	55
Figura 34 – Aratu saindo da toca.....	59
Figura 35 – Aratu capturado.....	59
Figura 36 – Siri capturado.....	60
Figura 37 – Captura do siri com redinha de arrasto.....	60
Figura 38 – Captura do Siri sem instrumento.....	61
Figura 39 – Saco de nylon para armazenamento.....	62
Figura 40 – Caixa plástica vazada para transporte do material coletado.....	62
Figura 41 – Canoa a remo para transporte.....	63
Figura 42 – Descarte de conchas a beira do rio formando tapetes.....	65
Figura 43 – Registro do final de nossa tarefa.....	66
Figura 44 – Registro do final de nossa tarefa.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 Capítulo	13
A ETNOARQUEOLOGIA	13
2 Capítulo	14
ESTRATÉGIAS DE SUBSISTÊNCIA SAMBAQUIEIRA	14
1.2 Capítulo	18
Tecnologia Sambaqueira	18
3 Capítulo	23
COMUNIDADES TRADICIONAIS	23
3.1 Capítulo	26
Comunidade tradicional de mariscadoras do povoado pastora	26
4 Capítulo	33
METODOLOGIA	37
5 Capítulo	39
DISCUSSÃO E RESULTADOS	39
6 Capítulo	67
CONCLUSÃO	67
APÊNDICE	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

INTRODUÇÃO

No Brasil, a ocupação da área litorânea por grupos humanos pré-coloniais aconteceu por volta de 5600 anos AP, quando o ambiente costeiro no Holoceno sofreu modificações com as variações do Nível Relativo do Mar (NRM), criando “ambientes favoráveis à captação alimentar e de matéria prima” necessária às subsistências dos grupos (Martinelli, 2003, p.01). Os sítios arqueológicos denominados sambaquis são os vestígios deixados por esses grupos que ocuparam o litoral brasileiro.

Sambaqui, palavra de origem Tupi, significa amontoado de conchas. A presença predominante das conchas constitui a principal característica desses sítios tipos sambaquis. Eles são construções de grupos humanos que ocuparam a costa brasileira antes da colonização europeia, cuja variedade de restos faunísticos e a presença de esqueletos humanos remete a funções diferenciadas como: moradia, área de descarte de restos alimentares, e cemitério (GASPAR, 2000).

Os sítios formados por conchas não são exclusividade do litoral brasileiro, eles estão presentes em quase todas as partes do mundo, com denominações regionais que sugerem “montes de conchas” como shell-mound (inglês), amas de coquilles (francês), kaizuka (japonês), ou que sugerem “restos de comida”, como o termo kitchen-miiden (inglês), ou kjokkenmoding (dinamarquês). São identificados também no continente africano, na província de Natal (África do Sul), Sul de Senegal e Madagascar, e na Austrália (SUGUIO, 2011, p. 118).

Nos sambaquis, as conchas de moluscos fazem-se presente em quase sua totalidade estratigráfica. São resultados de empilhamentos de restos faunísticos, tais como, conchas de moluscos, cascos de crustáceos, restos de peixes, ossos de aves e de mamíferos, frutos e sementes, artefatos líticos (lâminas de machados, quebra-coquinhos, almofarizes, lascas de quartzo), artefatos em ossos (anzóis, agulhas, pontas), marcas de estacas, manchas de fogueiras, enterramentos de homens, mulheres e crianças, formando elevações arredondadas que atingem cerca de 30 metros de altura (GASPAR, 2000).

Há evidências também de sambaquis construídos de conchas de moluscos de água doce e/ou terrestre; no Brasil, por exemplo, observamos sambaquis às margens do Rio Ribeira do Iguape (São Paulo), no baixo Rio Xingu (PA), e no Pantanal Mato-Grossense (MT e MS) (SUGUIO, 2011, p. 11).

A busca pela sobrevivência é intrínseca ao ser humano, que desenvolve suas estratégias de sobrevivência, procurando adaptar-se e explorar o seu meio ambiente. Os ambientes estuarinos constituem verdadeiro berçário de moluscos, de peixes e de crustáceos por serem ricos em nutrientes. São locais onde os animais encontram proteção e alimentos em abundância. Os ambientes lamacentos (mangues), expostos com a maré baixa, são propícios à coleta de moluscos e crustáceos (LIMA, 1999-2000, p. 272).

Os sambaquieiros, população construtora dos sambaquis, adaptaram-se e exploraram ambientes aquáticos, mangues, lagunas, estuários, rios, para garantir sua subsistência, desenvolvendo técnicas e instrumentos, adaptados à pesca, à coleta de moluscos e crustáceos. A coleta de recursos vegetais e a caça também estavam presentes na busca pela sobrevivência, complementando a dieta alimentar.

Os sambaquis são os sítios arqueológicos mais estudados no Brasil (GASPAR et al., 2013, p. 01), todavia, consultando vários trabalhos publicados, percebemos que há poucos relatos sobre técnicas específicas de coleta, transporte, e instrumentos usados, pelos sambaquieiros nas atividades extrativas dos moluscos. Esta lacuna de informações sobre esses elementos impulsionou esta pesquisa.

Nesta pesquisa, investigamos as possíveis semelhanças, que possa haver nas estratégias de subsistência, dentro do processo de coletas de moluscos e crustáceos, entre coletores do passado - sambaquieiros - e coletores do presente - mariscadoras de Pastora.

Os resultados desta pesquisa forneceram subsídios que poderão complementar informações à compreensão da cadeia operatória, das atividades de subsistência dos sambaquieiros, especialmente na extração de moluscos. A técnica de captura dos moluscos e crustáceos pode ter sido variada, entre a população sambaquieira, usando simplesmente a mão ou instrumentos mais elaborados.

Capítulo 1

ETNOARQUEOLOGIA

A Etnoarqueologia, na conceituação de Fabiola Silva, é um campo investigativo da Arqueologia, que objetiva produzir referências etnográficas, como subsídios às interpretações arqueológicas sobre o passado, entender o comportamento de grupos humanos pretérito, sua relação e adaptação ao meio ambiente, observando sociedades contemporâneas (SILVA, 2009, p. 131).

Sociedades pré-coloniais produziram grandes quantidades de artefatos adequados às suas técnicas de subsistência (caça, coleta e pesca), gerando fontes de informações que podem levar à melhor compreensão sobre os hábitos desses povos, dentro de um contexto arqueológico, antropológico, etnoarqueológico, etnográfico entre outros (PROUS, 1992, p. 33).

Reconstruir o modo de vida das sociedades pré-coloniais é uma das áreas de estudo de interesse dos pesquisadores ao longo dos tempos. Ainda, segundo Vergara, não é uma tarefa fácil, visto que, por serem sociedades sem escrita, não dispomos de textos, dependendo exclusivamente dos vestígios materiais deixados involuntariamente por esses grupos (2010). A partir dessa cultura material, a arqueologia, pode inferir informações complementares acerca dessa população (VERGARA, 2010).

Dentro desse contexto reconstutivo, a Etnoarqueologia surge como mais uma ferramenta de interpretações a partir da observação de grupos contemporâneos, para inferir comportamento de grupos pretéritos. Politis (2002) considera primordial, o trabalho de campo com sociedades vivas. Ele define a etnoarqueologia como um método para obtenção de informações de uma sociedade viva, dentro de uma perspectiva arqueológica, desenvolvida num trabalho de campo, mediante observação participante, com especial atenção aos resultados do comportamento humano (POLITIS, 2002, p. 69).

David e Kramer consideram o estudo da tipologia, campo, produção, distribuição, consumo, descarte e cultura material, elementos importantes no uso da etnoarqueologia (2000, p.36). Sendo a cultura material um dos únicos testemunhos do comportamento e das atividades de subsistência dos grupos pré-coloniais para desenvolver um estudo etnoarqueológico, é relevante a observação dos artefatos

produzidos, quem os produziu, a função e uso desse instrumento dentro do cotidiano do grupo que o produziu. Observando o comportamento das sociedades vivas, correlacionando o comportamento e a cultura material, é possível construir elementos úteis para inferir um registro arqueológico confiável (VERGARA, 2010).

As pesquisas dentro de uma abordagem etnológica têm contribuído significativamente para compreensão do comportamento das sociedades pré-coloniais, entre tantas pesquisas, tomamos como exemplos trabalhos desenvolvidos por Fabiola A. Silva, intitulado “A Etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas; e por Bandeira e colaboradores intitulado “Estudo da Ictiofauna do Sambaqui Porto do Rio Vermelho II (SC-PRV- 2), Ilha de Santa Catarina”.

Silva (2009) demoliu o pensamento construído pela teoria do determinismo ecológico, que dizia ser a população pré-histórica amazônica limitada pela presença da floresta tropical; Bandeira e colaboradores (2014), observando as técnicas de pesca atual, na Ilha de Santa Catarina, obteve resultados que sugerem diversas técnicas de pesca usadas pela população pré-histórica.

Concordamos com Politis, e Silva no discurso da importância do trabalho de campo com sociedades “vivas”, para o estudo do cotidiano das sociedades do passado, dentro de uma abordagem etnoarqueológica. Investigamos a cadeia operatória de uma comunidade pesqueira/mariscador tradicional, viva, e os resultados ofereceram melhor compreensão de como sambaquieiros poderiam desenvolver a coleta de moluscos no seu cotidiano.

Capítulo 2

ESTRATÉGIA DE SUBSISTÊNCIA SAMBAQUIEIRA

Estratégia de subsistência são planejamentos adaptativos, criados por famílias, comunidades ou grupos sociais, visando à formação de atividades geradoras de renda e ao consumo, que assegurem a manutenção dos seus membros (DIEGUES 1989, p. 10).

Não há dúvida de que as escolhas do ambiente costeiro pelos sambaquieiros para seus assentamentos não foram feitas ao acaso, para sua sobrevivência grupos sambaquieiros escolhiam locais estratégicos, como: estuários, mangues, enseadas, canais, que garantissem a alimentação do grupo durante o ano

tudo com a captura de peixes e mariscos e a proximidade de fontes de água doce (GASPAR, 2000,p. 42). Em tais ambientes, a população sambaqueira encontrava peixes e moluscos abundantemente, somados à grande variedade de crustáceos também consumidos, como caranguejos, siris, ouriços, e possivelmente o camarão (LIMA, 1999-2000, p. 279-280, p. 219).

As estratégias de subsistência e a dieta sambaqueira sempre foram alvos privilegiados das pesquisas (SCHEEL-YBERT, et al., 2011, p. 52). Pensava-se o molusco a base de alimento desse grupo, vista a grande quantidade de conchas observadas formando a matriz dos sambaquis (FIGUTI, 1994-1995, p. 267). Por outro lado, a presença de bivalves sugere que os moluscos foram coletados não somente para alimentação, mas também usados como material construtivo dos sambaquis (SCHEEL-YBERT, et al., 2013, p. 9).

Sobre o ponto de vista nutricional e energético, Levy Figuti em 1993 argumenta que a coleta dos moluscos como base alimentar seria inviável, uma vez que são alimentos de baixo teor calórico, o que implica um despendimento energético baixo, diminuindo consideravelmente o rendimento em relação às atividades de pesca. Contudo, os moluscos desempenham um papel importante na complementação nutricional na dieta alimentar sambaqueira (FIGUTI, 1993, p. 71).

Figuti discute que a preferência pela pesca acontece por motivos óbvios: a grande disponibilidade de peixes, moluscos e crustáceos nos manguezais, oferecendo uma farta captura, uma tecnologia simples, e economia de tempo e de despendimento de energia (FIGUTI, 1994-1995, p. 274). A fim de sustentar a hipótese do consumo de peixe como elemento principal na dieta sambaqueira, pesquisadores desenvolveram trabalhos relacionados à esse tema. A análise de isótopos estáveis identificaram que os principais recursos proteicos consumidos pelos sambaqueiros, seriam peixes e mamíferos marinhos (GASPAR et al., 2003 p. 110).

No sítio Espinheiro II, localizado em Santa Catarina, estudos zooarqueológicos evidenciam a presença de ossos e otólitos de peixe em todas as camadas do sítio observadas, apontando a importância da pesca no sistema de subsistência dos sambaqueiros desse sítio, seguida de uma coleta diversificada de ostras mariscos e berbigões como uma atividade complementar (FIGUTI; KLOKLER, 1996).

Ainda, a análise da arqueofauna do sítio Cosipa 1, 2 e 4, Ilha do Casqueirinho, Baixada Santista, indicou o consumo de mamíferos, aves, répteis, elasmobrânquios (raias e tubarões) teleósteos, bivalves, gastrópodes, e crustáceos, espécies nesse sítio. Quanto ao número identificado de cada táxon animal, o peixe é predominante nos três sítios, evidenciando a preferência pela pesca (FIGUTI, 1993, p. 74).

No nordeste do país, no sítio sambaqui Ilha das Ostras (Litoral Norte da Bahia), análises de restos faunísticos revelam que essa população tinha uma dieta representada pelos crustáceos, moluscos, e peixes, complementada pela caça de animais terrestres. Análises de restos ósseos apontam a presença de peixes de médio e pequeno porte, a exemplo de: bagre, corvina, pescada, cação e raia (MARTINELLI, 2007). Os vestígios de moluscos nesse sítio são abundantes, as espécies mais representadas são: a ostra, lucina, gastrópodes da espécie *Pugilina*, e do gênero *Megalobulimus*, e bivalves da espécie *Mytilus*. Vestígios de crustáceos no Ilha das Ostras são bastante fragmentados; esses fragmentos são representativos de caranguejos (*Ucides cordatus*) e siris (*Callinectes*). A caça pode ser considerada como ocasional, com vestígios muito escassos (MARTINELLI, 2007).

Restos alimentares recuperados do sítio arqueológico da Ilha de Santana Macaé (Rio de Janeiro) Lima, Silva (1984) apontam a base da alimentação da população desse sítio: o consumo de peixe e em menor escala dos moluscos, cracas (Cirripédios), ouriços (Echinoidea), aves, répteis e vegetais. Os crustáceos, evidenciados foram cracas (Cirripédios) em maior quantidade; a craca (Cirripédios), embora forneça quantidade mínima de carne, “podiam ficar por muitos dias sem deteriorarem, fato que pode justificar a coleta em maior intensidade”, evidências também de siris (*Callinectes*), caranguejos (*Ucides cordatus*) e guaiamu (*Cardisomaguahumi*).

O guaiamu (*Cardisomaguahumi*), “com certeza não fazia parte do cardápio cotidiano, eventualmente consumido à medida que apareciam” (LIMA; SILVA, 1984, p. 24). Ainda foram registrados grande quantidade de vestígios de ouriços do mar (Echinoidea). Feita as análises das peças ósseas recuperadas, foram evidenciadas as classes dos elasmobrânquios (raias, tubarões), Teleostomibagres, “voador” (*Dactylopterus Volitans*), garoupas, meros, enchovas entre outros (LIMA; SILVA 1984).

Não se descarta a importância do consumo de vegetais e da caça em papel complementar na dieta sambaquieira. Análises antracológicas contribuem para atestar que a coleta de vegetais com certeza ocupou uma parcela de importância na dieta alimentar sambaquieira (SCHEEL-YBERT, et al., 2011, p. 52). Análise de resíduos de fitólitos e grânulos de amidos, em cálculo dentário humano de alguns sambaquis do litoral sul do Brasil, indica que vegetais ricos em carboidratos faziam parte do cardápio nos sambaquis, tais como milho, batata-doce, cara, taioba, frutos, palmitos e amidos de tronco (WESOLOWSKI et al., 2007 p. 201).

Há a possibilidade de além da coleta de vegetais, o consumo de larvas, insetos e mel silvestre, (Lima 1999, p. 280) prática observada entre os Xeta, índios contemporâneos (LOUREIRO FERNANDES 1959:32-34, apud BECK, 1972, p. 217) Além do consumo, há outras aplicações de vegetais, identificadas em sambaquis, por exemplo, restos de madeira carbonizadas (estacas) associadas a estruturas de habitação (FIGUTI et al., 2005-2006, p. 4).

Na discussão sobre caça, a fauna terrestre é bem representada em alguns sítios da costabrasileira. Na planície costeira do Rio Grande do Sul, por exemplo WESOLOWSKI (2007) resultados de análises de restos faunísticos apontam dentre outras espécies de vertebrados, peças relacionadas a cágados que vivem em ambientes aquáticos (tigre d'água) e o cágado comum; restos relacionados a lagartos (lagartos–teiú), serpentes e jacarés. Os mamíferos identificados são representados pelos marsupiais (gamba), veado-campeiro, queixada, e tatus, (WESOLOWSKI et al., 2007, p. 204).

Rosa (2006) também identificou, no litoral central da Planície Costeira do Rio Grande Sul, restos faunísticos coletados em escavações, nos sítios RS – LC 81,86,87,90,92 e 96, de remanescentes da fauna de vertebrados representados por cágados (Chelonia), tigre d'água, lagartos (teiú), serpentes, jacarés, perdizes, pinguim-de-Magalhães, veados campeiro, gambas, queixada, tatu de rabo mole, tatu–mulita.

Considerados a princípio, população consumista de moluscos como única base alimentar, estudos recentes, relacionadas ao sistema de subsistência e dieta em sítios sambaquis, reforçam cada vez mais o consumo de peixe, como a fonte essencial de alimentação da população sambaquieira (GASPAR et al., 2003, p. 110).

1.2 TECNOLOGIA SAMBAQUIEIRA

Adaptados a ambientes aquáticos e terrestres, apropriados de uma tecnologia simples, com diferenciações regionais, os construtores de sambaqui desenvolveram, a partir da matéria prima disponível e abundante no ambiente, indústria de artefatos líticos, ossos, malacológicos, em dentes de animais, fibras vegetais e madeiras (LIMA, 1999, p. 280). Esses instrumentos eram confeccionados com funções específicas adaptados ao tipo de atividades e ambientes dos recursos explorados. No sambaqui Ilhas da Pedra, por exemplo, pesquisador Junior (2014, p. 82) observa nesse sítio, foram utilizadas técnicas diferentes, para captura de acordo com o habitat dos moluscos: moluscos bivalves enterrados em substrato lagunar (ex.: *Mytella* sp.); moluscos bivalves sésseis aderidos a raízes e rochas (ex.: *Crassostrea* sp.); moluscos gastrópodes terrestres (ex.: *Thaumatasp.*). Infelizmente o autor não expõe as técnicas.

As conchas dos moluscos conservam informações sobre as populações pré-coloniais não somente sobre os instrumentos e alimentação, como também datações e reconstituição paleo-ecológica (PROUS, 1986, p. 241). Segundo Klokler (2014), “moluscos e suas conchas eram imbuídos de valor simbólico dentro da sociedade sambaqueira, fato observado também em outras culturas, associando às conchas a fertilidade, renascimento, rejuvenescimento, reprodução, vida saúde, e outros”; portanto, adornos (contas e pingentes) são interpretados também como elementos identificadores da “idade, etnicidade, identidade social, status marital, prestígio, afiliação a grupos específicos” além de enfeites (KLOKLER, 2014, p. 164).

Há poucas informações na literatura sobre instrumentos em conchas, possivelmente relacionado à fragilidade do material. Os artefatos fabricados a partir de conchas são vestígios difíceis de serem entendidos quanto a sua utilização, uma vez que o material se perde no meio dos sedimentos (PROUS, 1992, p. 240). Todavia, há informações etnográficas, e vestígios artefatuais em sítios arqueológicos sobre conchas que foram utilizadas por populações pré-coloniais, como instrumentos de corte, raspadores, anzóis, recipientes para líquidos, recipientes para sólidos, colheres, instrumentos musicais do tipo apito e chocalho, adornos labiais (tembetás), ponta, enxósemicrogoivas - esse instrumento foi

evidenciado em somente dois sítios em Minas Gerais (Lapa Vermelha IV e Lapa Pequena) (PROUS, 1986).

Alguns desses instrumentos são “encontrados em quase todo Brasil” com diferenciações regionais. Todavia, ainda segundo o autor, não há evidências nos sítios brasileiros, da fabricação de enxós do material conchífero, mas a literatura estrangeira aponta exemplares desse instrumento na Venezuela (CRUXENTE, ROUSE, 1961, II, pl.5, apud PROUS, 1986, p.252). Em sambaquis Silveira, identifica artefatos de conchas como raspadores, espátulas, anzóis e pontas de projeteis no sítio de Moa (SILVEIRA, 2001, p. 56).

Segundo Prous (1986), somente os bivalves das espécies *Lucina* e *ostrea*, foram aproveitadas para confecção de faca, por não necessitarem de retoques; a utilização dessas facas podem ser observadas, entre os kamayura, para descascar mandioca amarga; e cortar os cabelos, entre os Humutimas e Bororos (PROUS, 1986, p. 249); utilização de colheres, facas, planares, pelos indígenas se estenderam até o século XX (PROUS, 1986, p. 274).

Resultados de análises faunísticas, em sambaquis, apontam que algumas espécies de moluscos eram preferidas nas coletas, pelos sambaquieiros Suguio (2011). Nos sambaquis do litoral paranaense, por exemplo, das 50 espécies de moluscos que compõem esses sítios, Bigarela identifica cinco espécies preferidas pela população pré-histórica que ocupou esses sítios: *Anomalocardia brasiliana*, *Crassostrea brasiliana*; *Crassostrea aryzophora* e; *Lucina jamaicensis*, e *Modiolus brasiliensis*, (BIGARELA, 1949, apud. SUGUIO, 2011, p. 119).

Já o arsenal associado à captura do peixe, é bastante significativo na literatura sambaquieira. São instrumentos derivados de uma variedade de pontas de ossos de aves, mamíferos, espinhos de peixes, esporões de raias, dentes de tubarão e material lítico do tipo: anzóis – captura de pequenos peixes; arpão – captura de peixe de médio porte; arco e flecha para captura de peixes em cardumes (BANDEIRA et al., 2014, p. 178), Prous (1992). Pesquisas desenvolvidas na Ilha de Santana, litoral de Macaé, evidenciam pontas de projéteis em ossos de peixes, ferrões de raias e mamíferos, utilizados na captura de peixes; além anzóis confeccionados de espinhos de “perciformes”.

Ainda existe a possibilidade de uso de redes, pela população desse sítio, fato fundamentado na observação de pequenos peixes nos restos faunísticos (LIMA; SILVA, 1984, p. 22). Agulhas, confeccionadas a partir de espinhas de peixe,

encontradas no Sambaqui da Beirada, segundo Kneip e colaboradores, grupos já faziam uso de fios, provavelmente de origem vegetal, utilizados na confecção das redes de pescar (KNEIP et al., p. 45).

Suspeita-se que armadilhas, rede e embarcações, compunham também o arsenal de pesca dos sambaquieiros (GASPAR, 2000, p. 48). Nos sambaquis de Cosipa, segundo observações de LevyFiguti, o artefato mais usado para a pesca nesses sítios foi a rede (FIGIUTI, 1993, p. 78), artefatos semelhantes às redes de laço ou à rede de espera foram observados na Baixada santista (PAIVA-FILHO et al., 1987, apud FIUGUTI, 1993, p. 76).

No sambaqui Porto do rio Vermelho II, artefatos associados à pesca do tipo de peso de redes – material lítico –, anzóis e arpões, algumas espátulas e agulhas – material ósseo de mamíferos e peixes – (BANDEIRA et al., p. 176). Todavia, segundo os autores, apoiados nos restos faunísticos ictiológicos, cujos peixes de ambientes são exclusivamente marinhos identificados, as técnicas mais usadas na captura de peixe neste sambaqui foram as redes e armadilhas, (BANDEIRA et al., p. 179). Segundo Hilbert, a técnica de pescar com rede poderia ter sido usada pelos sambaquieiros do sambaqui de Itapeva e Recreio (HILBERT, 2011, p. 109). As redes provavelmente eram confeccionadas de fibras vegetais “retiradas das folhas de palmáceas” (HILBERT, 2011, p. 102).

Do ponto de vista de Calippo (2011) a população sambaqui era possivelmente “acabou se apropriando ou desenvolvendo tecnologias náuticas” (CALIPPO, 2011, p. 31). Apesar de que não se tenham conservados vestígios de qualquer tipo de embarcação, ou nenhum tipo de instrumento associados à construção de embarcações, os sambaquieiros possivelmente faziam uso de flutuadores (tora ou feixe de junco) balsas e canoas (CARVALHO, 2004, apud CALIPPO, 2010, p. 37) como meio de locomoção; fato observado “em outros povos do território brasileiro, sul americano e todo o mundo” (CALIPPO, 2010).

De acordo com Calippo, essas hipóteses fundamentam-se em dados de aspectos bioarqueológicos da população sambaquieira e evidências da utilização de embarcações na América do Sul. Os dados bioarqueológicos apontam anomalias ósseas, na população sambaquieira, tipo, exostose auricular (associado a mergulho); e desgastes ósseos irregulares que sugerem a natação e a utilização de embarcações a remo (CALIPPO, 2010, p. 33-40). “Todavia, possivelmente os sambaquieiros não tenham atingido uma tecnologia mais avançada como a

fabricação de embarcações, “onde diferentes tipos de estruturas são unidas para formar o casco” (CALIPPO, 2010, p. 40).

Entre tantas estratégias de capturas, utilizando-se de arpões, arcos eflechas, anzóis, redes, Lima e Silva (1984) sugerem a captura por encalhes ocasionais de peixes de grandes portes, fato observado em campo pelos pesquisadores, enquanto sua permanência na ilha de Santana (p. 22). Ainda em campo os mesmos pesquisadores observaram que certas espécies de peixe são atraídas “pelaluz durante à noite”. Provavelmente os sambaquieiros faziam uso dessa técnica, utilizando a luz de fogueiras (LIMA; SILVA, 1984, p. 22).

Há indicativos que, entre as técnicas utilizadas na coleta de peixes, os sambaquieiros deveriam fazer uso de plantas ictoxicas, como, por exemplo, o cipó timbó. No sítio Jabuticabeira II, (KLOKLER, 2012) interpretando a presença abundante de peixes de todos os tamanhos, nas camadas deposicionais do sítio, observa no material analisado que não houve interesse por parte dos sambaquieiros na coleta de peixes específicos, associando, portanto, a possibilidade da utilização de plantas ictoxicas, o que resultaria numa pescaria não seletiva bem abundante.

Outro indicativo dessa técnica observa-se em análise antracológica, de materiais de contexto funerário sambaquieiro, onde é registrada a presença da família Sapindacea – timbó ou tingui - (BHIANCHINI, 2008, apud JUNIOR, p. 117). Essa técnica utilizando ervas ictiotóxicas foi também observada em várias regiões da América do Norte e Sul (CONCEIÇÃO et al., 2013, apud JUNIOR, 2014, p. 115).

É bastante significativa a manufatura dos instrumentos líticos polidos, picoteados ou simplesmente lascados, relacionadas às atividades de caça, de pesca e do manejo dos vegetais (BELÉM, DEBLASIS, 2015, p. 48). Os instrumentos líticos evidenciam funções variadas e até mesmo desconhecidas; no sambaqui da Beirada, por exemplo, instrumentos líticos confeccionados a partir de seixos, foram usados para manejo dos vegetais; percutor, para bater ou martelar, cascos de moluscos e pinças de crustáceos; lâmina de machado lascado e polido, utilizado para derrubar árvores ou fender madeiras; projéteis de pontas simples e pontas duplas; espátula, raspador, com funções de raspar raízes e frutos, abrir peixes e caças (KNEIP et al., 1988, p. 44).

No sítio ilha de Santana, conchas de ostra apresentam sinais de cortes, provocados por percutor possivelmente lítico para retirada do molusco (LIMA; SILVA, 1984, p. 26). Em sambaquis do litoral Sul (Santa Catarina), inúmeros

artefatos líticos apresentam funções desconhecidas: argolas, discos perfurados, bolas de arremesso, esferas, placas com furos de suspensão (LIMA, 1999, p. 282). Segundo Calippo (2011), é provável que alguns desses instrumentos de funções desconhecidas, evidenciados em outras áreas, tenham sido utilizados nos recursos de pesca, como peso de rede, peso para anzóis e enxós.

Os instrumentos produzidos a partir das fibras vegetais e de madeiras são difíceis de encontrar nos sítios arqueológicos, visto que materiais orgânicos são perecíveis, e difíceis de serem conservados; todavia os vestígios que se conservaram, evidenciam que, possivelmente as fibras vegetais, foram usadas para amarrar, pela sociedade sambaquieira, fato que pode ser observado em índios brasileiros contemporâneos, que utilizam o cipó na técnica de amarração, tanto na construção de casas, como em armadilhas ou arcos (RIBEIRO 1986, apud BANDEIRA, 2007, p. 220). No sítio Cubatão I, foram coletadas amostras de vestígios de trançados, cordas, amarrações e nós (BANDEIRA, 2007).

No sambaqui de Sernambetiba, no Rio de Janeiro, foi resgatado um fragmento de madeira que tudo indica ser parte de uma lança; no sambaqui Espinheiros II, em Santa Catarina foram encontrados trançados, que poderiam ter sido parte de uma cesta ou armadilha para captura de peixes (GASPAR, 2000, p. 50).

Os instrumentos de ossos foram utilizados com funções bem definidas possivelmente adaptadas a diferentes atividades relacionados principalmente a caça e a pesca, como instrumentos para corte e talha ponta de dardos, furadores, agulhas e anzóis (PROUS, 1992, p.236). Encontramos exemplares desses instrumentos sem sambaquis dos estados de São Paulo e Paraná (PROUS,1992, p. 240), confeccionados a partir de ossos de mamíferos e pássaros, vértebras, costelas, bula timpânica de baleias, vértebras de seláquios, esporões de bagre ou raia. No Sambaqui do Rio Lessa- S C LC- 39, há evidências de pontas de ossos de aves e mamíferos, utilizadas; e esporão de raias, utilizadas provavelmente como ponta de arpão (BECK, 1972, p. 151).

Em sítios do litoral paulista, entre eles Tenório, Buracão, Mar Casado, Cosipa, outros artefatos de ferrões de raias sugerem a utilização desses elementos como instrumentos de cortes, arpões e pontas de flechas, por sua característica cortante. Nos mesmos sítios, instrumentos e adornos de dentes de tubarão também foram evidenciados (GONZALEZ, 2005). Instrumentos elaborados de dentes de

tubarões (facas, lanças, flechas e armas de defesa) faziam parte da cultura de ilhas do Pacífico (Austrália, Ilha Salomão, Haida, Fiji) (GONZALEZ, 2005, p. 92); ainda segundo o mesmo autor, no Havaí, dentes de tubarão branco eram selecionados para fabricação de instrumentos, e de “armas de poder letal” (GONZALEZ, 2005, p. 96).

É importante compreender o interesse de nossa pesquisa: não pretendemos fazer nenhuma relação de continuidade das atividades de pesca e mariscagem entre as populações pré-coloniais de pescadores-coletores e populações atuais de pescadores-coletores. Desenvolvemos essa pesquisa, em busca de elementos que somados às pesquisas anteriores, complementem a compreensão da cadeia operatória relacionada à coleta de moluscos sambaquieira, visto que tanto a comunidade atual, coletora de molusco, quanto à comunidade sambaquieira retirando ambiente aquático, recursos para sua subsistência.

Capítulo 3

COMUNIDADES TRADICIONAIS

“Se as sociedades tradicionais viveram até o presente no interior de uma natureza que nós ocidentais julgamos hostil, é essencialmente devido ao saber e ao saber-fazer acumulados durante milênios e que nós reconhecemos hoje seu valor intrínseco”. (J. BONNEMAISON, 1993, apud MARIA O. B. LOUREIRO, 2013, p. 22).

Para garantirem sua subsistência grupos pré-coloniais desenvolveram saberes, e fazeres relacionados à prática da caça e da pesca adaptada ao meio ambiente. Uma dessas atividades, a prática de mariscar, estende-se ao presente, desenvolvidas por comunidades mariscadoras, que encontram, nos manguezais e em outros ambientes aquáticos, uma fonte de alimento importante para grande número de famílias. O manguezal é um local com referência de fartura de peixe, moluscos e crustáceos para população litorânea e ribeirinha; corroborando com esse pensamento, observamos o exemplo da comunidade mariscadora ora estudada, do Povoado Pastora, que busca seu sustento no mangue.

Na definição de Souto e Martins (2009), “o manguezal é um ecossistema altamente produtivo, que, além de desempenhar funções ecológicas importantes,

garante a subsistência para muitas comunidades tradicionais.” As comunidades tradicionais que vivem próximas aos manguezais e que dependem dos recursos desse ambiente desenvolvem um amplo conhecimento acerca dos componentes bióticos e abióticos que integram esse ecossistema, fator importante para desenvolver com sucesso, suas atividades de subsistência. (ALVES; NISCHIDA, 2001, p. 111).

Segundo Toledo, entre 12 a 20% da superfície da terra é ocupada por povos e comunidades tradicionais que “controlam legalmente ou não, imensas áreas de recursos naturais”, a exemplo dos Inuit(antigos esquimós no Canadá), comunidades tradicionais de Papua-Nova Guiné, e as Tribos da Austrália(TOLEDO, 2001, p.6). Ainda segundo o mesmo autor, países como a Índia (acima de 100 milhões) e a China (entre 60 e 80 milhões) concentram elevada população tradicional (TOLEDO, 2001, p. 3).

As comunidades tradicionais fazem uso de experiências adquiridas (manejo dos recursos naturais, crenças e costumes) ao longo do tempo preservadas e transmitidas oralmente, de geração a geração, observando e reproduzindo, constituindo o que pesquisadores denominam de “conhecimentos tradicionais”. Para Diegues, o termo sociedade tradicional possui um sentido ambíguo: tanto se refere à população indígena, quanto à população adaptada a um ambiente, desenvolvendo seu próprio meio de subsistência, classificando em sociedades tradicionais – comunidades caiçaras, sítiantes e roceiros tradicionais, comunidades quilombolas, ribeirinhas, pescadores artesanais, grupos extrativistas e indígenas, e comunidades não-tradicionais – fazendeiros, comerciantes, empresários e outros (DIEGUES; ARRUDA, 2000, p. 22).

A apropriação do conhecimento tradicional bem pode ser observado, no Brasil século XVI, início da colonização, quando portugueses são imbuídos dos conhecimentos tradicionais dos índios do Brasil, adotando para sua sobrevivência elementos das culturas indígenas, tais como a técnica do fabrico e uso de canoas, jangadas, redes e armadilhas de pescas, cobertura de casas rurais com material vegetal, uso de rede para dormir e muitos outros (DIEGUES; ARRUDA, 2000, p. 27).

O processo do conhecimento tradicional ainda hoje é visível, observando as comunidades litorâneas, atraídas pela exploração de recursos aquáticos: moluscos, peixes e crustáceos, que são usados para o consumo próprio ou como complemento de renda. Nas comunidades tradicionais, a pesca é desenvolvida de

modo artesanal, com a utilização de transportes (canoas a remo) e instrumentos rústicos desenvolvidos pela própria comunidade, com base no conhecimento tradicional construído, nessa relação homem e recursos aquáticos.

Segunda Nishida, a atividade extrativa dos moluscos constitui uma das principais fontes de subsistência, da população ribeirinha e litorânea, seja como fonte única de renda, ou complementar (NISHIDA et al., 2004, p. 54). Pesquisa realizada no litoral paraibano com comunidades tradicionais de catadores de moluscos revela a preferência pelas espécies: ostras (*Crassostrea rhizophorae*), sururu (*Mytella guyanensis*), o marisco (*Anomalocardia brasiliensis*) e a unha de velho (*Tagelus plebeius*). O sururu de croa - ou sutinga (*Mytella charruana*) – e ogatapu (*Pugilina morio*) são coletados, mas não levados para o comércio (NISHIDA et al., 2004, p. 57).

Estudos realizados com várias comunidades mariscadoras e pesqueiras corroboram com a observação de Nishida e colaboradores (2004); segundo Souto e Martin (2009), entre tantas outras espécies de moluscos, as ostras sururu e berbigão, são os mais preferidos na mariscagem local (SOUTO; MARTIM, 2009, p. 208).

Segundo Anale Alves (2016, p. 17), na comunidade tradicional do povoado Taiçoca de Fora, localizado no município de Nossa Senhora do Socorro-SE (município, maior produtor de sutinga do estado), a principal fonte de renda de grande parte da população mariscadora consiste na extração do sururu e da sutinga, segundo informações obtidas em entrevistas relacionadas às atividades da pesca e mariscagem. No sambaqui da Beirada, Kneipe advoga que peixe e moluscos constituíram fontes de alimento, para população desse sítio; a preferência da coleta dos moluscos no sítio da Beirada são os bivalves, tais como, ostras, berbigões, lucina e certas espécies da família *Mytilidae* (KNEIP et al., p. 47).

Segundo Diegues, alguns estudiosos acreditam que, “as culturas e os saberes tradicionais, mantidos pelas comunidades tradicionais podem contribuir para a manutenção da biodiversidade dos ecossistemas” (DIEGUES; ARRUDA, 2000, p. 15).

3.1 COMUNIDADE TRADICIONAL DO POVOADO PASTORA

Milhares de brasileiros que habitam as regiões de manguezais dependem do extrativismo dos moluscos e crustáceo para sua sobrevivência. São os pescadores e catadores tradicionais, imbuídos de conhecimentos, acerca desse ecossistema, que vão passando, de uma geração para outra, dando continuidade ao conhecimento tradicional.

Em Sergipe, diversas comunidades que buscam no mangue o seu sustento conservam os saberes tradicionais nas atividades de pesca e coleta de mariscos, como, por exemplo, a comunidade do Povoado Pastora, inserida no município de Laranjeiras, Povoado Taiçoca de Fora, no município de Nossa Senhora do Socorro, Pedra Branca, município de Laranjeiras, Povoado Mussuca, município de Laranjeiras, Povoado Pedreira e Tinharé em São Cristóvão e outros.

A nossa pesquisa foi desenvolvida na comunidade tradicional de pescadores e mariscadoras do Povoado Pastora, localizado no município de Laranjeiras (Fig. 01) no estado de Sergipe (Fig. 02), distante cerca de 18 km em linha reta, de Aracaju (SEMEC- Laranjeiras, 2000, p. 23, cap. VIII). O Povoado Pastora localiza-se próximo ao estuário do rio Cotinguiba, que nasce na Fazenda Cafuz, no Povoado de Pedrinhas e desagua no rio Sergipe. Uma grande extensão de suas águas é salgada por sofrer influência do mar, constituindo os manguezais que abrigam várias espécies de moluscos e crustáceos, importante fonte de sobrevivência para população de baixa renda do município (LARANJEIRAS.SE.IO.ORG.BR).



Figura 1 – Localização do Povoado Pastora no município de Laranjeiras – SE. FONTE: IBGE, 2016.



Figura 2 – Localização de laranjeiras no estado de Sergipe. FONTE: Baixar Mapas, 2016.

A opção por essa comunidade de pescadores-mariscadoras para desenvolver nossa pesquisa acontece por motivos óbvios, uma vez que o curso de Arqueologia está localizado na cidade de Laranjeiras (CAMPUSLAR), buscamos a integração da comunidade com a universidade, além do fácil acesso às mariscadoras e ao mangue.

Homens e mulheres estão inseridos na prática de pesca e de coleta de mariscos em Pastora. Todavia a atividade de coleta dos mariscos é mais praticada por mulheres conhecidas como mariscadoras. Apesar de homens praticarem também a coleta de moluscos, nossa pesquisa contou com a colaboração de mariscadoras tanto nas entrevistas, como nas atividades de coleta no mangue, por serem mais acessíveis ao contato da senhora Paula, responsável pela indicação das colaboradoras. Entretanto, tivemos a colaboração na entrevista do Sr. Ednaldo Nobre dos Santos de 48 anos, e dos jovens condutores da canoa, que transportaram os apetrechos para coleta dos moluscos, como também algumas crianças que acompanharam suas mães.

A mariscagem no Povoado Pastora é uma prática familiar, envolvendo primos, sogras, tios e vizinhos. Nessa comunidade tradicional, a prática de coleta de mariscos acontece entre os 9 a 10 anos de idade, uma vez que crianças de 2 anos de idade já acompanham os pais nessa jornada de trabalho, e, assim, desenvolvem uma afinidade e o gosto por essa atividade.

Imbuídas de saberes e fazeres, baseados na observação diária dos fenômenos naturais, tais como previsões do horário que ocorrem a maré “baixa” (própria para mariscar), e a maré “alta”, conhecendo o habitat de cada espécie coletada, empregando a técnica e instrumento específico de coleta, à cada espécie de moluscos e crustáceos, vão transmitindo esses conhecimentos para filhos e filhas e netos netas, que norteiam e garantem a sobrevivência de várias famílias dessa comunidade e reconhecem a importância do mangue para sua subsistência.

A captação de moluscos é uma atividade importante em Pastora; do manguezal, essa comunidade de mariscadores extraem vários tipos de moluscos bivalves: as espécies sururu (Fig. 03), *sutinga* (Fig.04) ostra (Fig.05), *maçunin* (Fig. 6), Itã (Fig.7) com destino à comercialização e consumo próprio, garantindo assim sua subsistência. Os moluscos são animais do corpo mole, protegido ou não por *conchas bivalves* (duas conchas que protege o animal) vivem em ambientes aquáticos (lula, polvo, ostras) e terrestre, os gastrópodes (conchas univalves, ou seja, uma concha, em forma espiral) lesmas, e caracóis.

Moluscos coletados e seus habitats em Pastora:

Mytella spp. sururu-molusco *bivalve* (duas conchas), encontrados soterrados nos mangues.

Mytella charruana - *sutinga* -molusco bivalve, muito parecido com o sururu, encontra-se no substrato arenoso dos rios. Segundo D. Teka, o *sutinga* possui um “umbigo” e o sururu não possui esse umbigo.

Crassostrea spp. - ostra – molusco bivalve, encontrados submerso na água, grudadas em pedras ou soltas e grudadas em raízes e troncos dos vegetais do manguezal.

Anomalocardia brasiliensis – *maçunin* – molusco bivalve, também conhecida por berbigão –, encontra-se soterrado superficialmente nas croas (banco de areia visível com a maré baixa).

Lucina pectinata – Itã – molusco bivalve, maior que o *maçunin*, encontra-se soterradas nas croas.



Figura 3 – Sururu (*Mytela* spp). FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 4 – Sutinga (*Mytela Guyanensis*). FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 5 – Ostra (*Crassostrearhizophorae*). FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 6 – Maçunim (*Anomalocardia brasileira*). FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 7 – Itã (*Lucina pectinata*). FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 8 – Imagem da croa. FOTO: Paula Santos, 2018.

Capítulo 4

METODOLOGIA

Para atingir resultados satisfatórios em qualquer estudo, o pesquisador deve adotar uma metodologia, ajustada ao objetivo da pesquisa. A entrevista é uma das opções de métodos fundamentais, que permite ao pesquisador coletar dados não encontrados em documentos ou bibliografias, levantando informações consistentes sobre um tema (DUARTE, 2004, p. 215). O formulário que direciona a entrevista é uma peça importante na coleta de dados, caracterizado pelo contato direto, entre entrevistador e informante, que não precisa saber ler ou escrever, e, ser o roteiro do pesquisador, nas perguntas escritas no momento da entrevista. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 212).

A metodologia proposta para alcançar o objetivo de nossa pesquisa envolveu as etapas seguintes: revisão da literatura, abordando estratégias de subsistência dos grupos sambaquieiros; entrevistas estruturadas; registros fotográficos; trabalho de campo com observação direta das atividades de coleta de moluscos, transporte, artefatos, e descarte das conchas de moluscos.

Inicialmente, fizemos uma ampla revisão bibliográfica de estudos já realizados sobre o cotidiano das atividades de subsistência das sociedades sambaquieiras, para inferir possíveis semelhanças entre a atividade de coleta de moluscos, dessa comunidade, com sociedades contemporâneas que têm essa prática. Apesar de não compartilharem um mesmo ambiente, mas, por dependerem dos recursos aquáticos para subsistência, consideramos a escolha apropriada.

O trabalho de campo foi desenvolvido no Povoado Pastora, município de Laranjeiras (SE), com a comunidade tradicional de mariscadoras, com pessoas previamente indicadas pela Sra. Paula dos Santos, membro dessa comunidade, graduanda do curso de Arqueologia. As indicações das entrevistadas foram feitas por serem consideradas pessoas de grande experiência nas atividades de mariscagem, detentoras de conhecimentos sobre o ambiente e dos recursos aquáticos local, o que torna a pesquisa mais substancial. Foram indicadas cinco mariscadoras, com idades entre quarenta e cinquenta anos para entrevistas e um pescador de 48 anos.

Colaboraram com nossa pesquisa as mariscadoras: Sra. Maria Creusa dos Santos, 55 anos de idade, que pesca desde os 8 anos de idade em companhia dos pais; Sra. Terezinha de Brito Santo, mais conhecida como Teka de 44 anos de

idade que aprendeu a mariscar com os pais desde criança; Sra. Maria Iná Marcolino dos santos, conhecida como Na, 49 anos de idade, aprendeu a mariscar com o esposo; Sra. Ana Maria de Oliveira dos Santos, 56 anos começou a mariscar muito cedo em companhia da mãe; Sra. Amanda dos Santos, 30 anos, aprendeu a mariscar acompanhando os vizinhos nessa prática e Sro. Ednaldo Nobre dos santos, 48 anos que aprendeu a mariscar com a mãe desde os nove anos.

Tanto nas entrevistas, quanto nas atividades de coleta dos moluscos no mangue, contamos com a colaboração das mulheres por motivo de serem mais conhecidas da Sra. Paula (pessoa que convidou as entrevistadas) e que mais se propuseram a participar. Já no mangue encontramos ocasionalmente com Sr. Aristóteles que ali se encontrava fazendo sua coleta de Itã.

Em campo, o primeiro passo foi visitar as mariscadoras. Nesse primeiro contato, procuramos explicar o motivo da pesquisa e a importância da contribuição das mesmas para o trabalho ora desenvolvido. Cientes do objetivo das pesquisas, todas se comprometeram a colaborar, deixando transparecer um certo orgulho em poder contribuir com a pesquisa; e, assim, nossos contatos ocorreram dentro de um clima de hospitalidade, confiança e boa vontade para transmitir os conhecimentos das atividades de pesca e mariscagem.

Para as atividades das entrevistas, traçamos uma cronologia de cinco dias, ou seja, um dia para cada pessoa, visto que, são muitas as informações e histórias que fluem, dando assim espaço, para uma entrevista tranquila, sem tempo cronometrado, permitindo que as entrevistadas falassem o quanto quisessem. Todavia, cada entrevista desenvolveu-se num tempo médio de aproximadamente quarenta, cinqüenta minutos.

As entrevistas obedeceram a um questionário estruturado, incluído no Anexo 1. O questionário da entrevista foi desenvolvido pela autora, e, dispõe das questões básicas que gostaria que fossem respondidas. Todas as questões estão relacionadas às diversas atividades de mariscagem: como adentrar ao mangue, livrar-se dos mosquitos; qual técnica de coleta dos moluscos, instrumentos usados, transporte dos moluscos, armazenamento, locomoção, descarte das conchas. As perguntas foram elaboradas numa linguagem simples, de fácil compreensão pelos entrevistados, pontuados diretamente ao interesse da pesquisa.

Escolhemos uma entrevista tipo estruturada, pois, dessa forma, todas as pessoas entrevistadas responderiam as mesmas questões conduzindo as respostas

do nosso maior interesse e garantindo que todas, ou ao menos, a maioria das questões pertinentes à pesquisa teria múltiplas respostas, permitindo saber se há variações nas atividades, no modo de fazer; e quais seriam elas.

As questões foram respondidas oralmente pelas entrevistadas e transcritas pela entrevistadora (a autora) para o caderno de campo. Terminadas as entrevistas, dias antes da participação ativa nas atividades de coleta, fizemos uma prospecção da área em torno do mangue. Durante a prospecção observamos o descarte de conchas aleatoriamente no ambiente (Fig. 9). Quase trinta dias após as entrevistas, as mariscadoras marcaram o dia e o horário para as atividades de coleta.

O dia da mariscagem foi determinado pelas mariscadoras, observando um horário conveniente a todos, visto que, para mariscar, não tem horários definidos; dependendo do movimento da maré alta e maré baixa, que ocorre em horários diferentes à cada dia, como por exemplo: um dia elas vão mariscar às cinco horas da manhã, no outro dia seis horas da manhã e assim por diante.

A identificação da maré morta e da maré grande, pelas mariscadoras que acompanhamos, ocorre dentro de um padrão de observação. Elas explicam: “A maré morta é a maré cheia, a maré grande é a maré seca; sabemos quando esta seca ou cheia pelo horário, que aconteceu no dia anterior, é sempre em horários diferentes, por exemplo, se hoje estava seca dez horas, amanhã vai estar seca onze horas, e assim por diante”. O dia foi marcando, portanto para as oito horas, em um horário propício para mariscagem, ou seja, com maré grande (maré seca). A maré morta (maré cheia) é imprópria para coletar os moluscos, pois nesse momento todo o mangue está submerso pelas águas.

O tempo de permanência no mangue, na atividade de captura dos moluscos, depende do movimento da maré. Quando percorrem o rio a pé, permanecem aí aproximadamente quatro horas, enquanto maré baixa é o tempo que a maré volta a lançar (encher); e, se estão dependentes de canoa, permanecem por mais tempo, não se preocupam com a maré cheia.

O trabalho de coleta dos moluscos e crustáceos foi desenvolvido, num espaço de tempo de aproximadamente quatro horas, enquanto maré grande (maré seca) nos manguezais do Rio Cotinguiba (Fig. 10, 11), tendo início abaixo da ponte (Fig. 12) que faz divisa do município de Nossa Senhora do Socorro e o município de Laranjeiras. Acessamos ao mangue, descendo pela cabeceira da ponte, aonde

chegamos de táxi em companhia de D. Terezinha (Teka), mariscadora experiente, e encontramos com o grupo de mariscadoras, que saíram do Povoado Pastora, de canoa a remo.

O acesso ao mangue foi muito difícil, carregando máquina fotográfica, mochila, encalhamos na lama, sendo necessário o auxílio de canoa, para nosso socorro. Quatro horas depois, quando a maré voltou a lançar (encher), fizemos um percurso, a pé pelo rio, até o local do rio que dá acesso ao Povoado Pastora (Fig. 13). Tarefa muito difícil (água pesa, água na cintura), mas não impossível. As crianças, que acompanharam as mães, e alguma mariscadoras, voltaram ao Povoado em canoa a remo, que também transportou, apetrechos e material coletado.



Figura 9 – Descarte aleatório das conchas. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 10 – Imagem do Rio Cotinguiba. Localização do sitio. FONTE: GOOGLE. EHART



Figura 11 – Imagem do Rio Cotinguiba. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 12 – Imagem da ponte entre o município de Laranjeiras e N. Senhora do Socorro. Local inicial de nossa pesquisa. FOTO: Paula Santos, 2018.

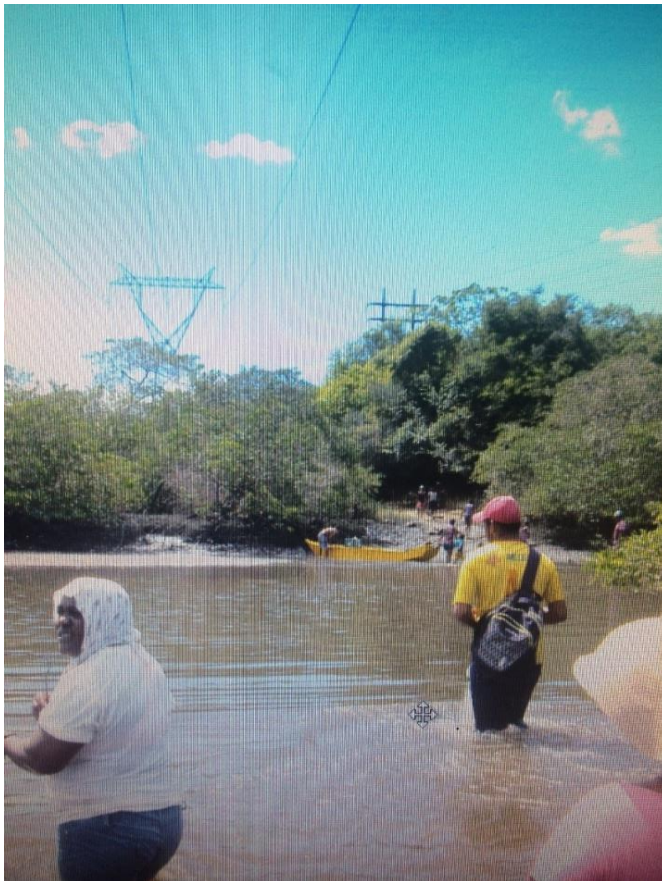


Figura 13 – Acesso seguindo o rio ao Povoado Pastora. FOTO: Paula Santos, 2018.

Com a observação direta, associada aos registros fotográficos, obtive dados comportamentais do cotidiano das mariscadoras nas suas tarefas de coleta dos moluscos e dos crustáceos no mangue. Os dados obtidos foram submetidos a uma analogia entre as estratégias de subsistência da comunidade sambaqueira, divulgadas na literatura acadêmica, e as estratégias construídas a partir do conhecimento tradicional das mariscadoras do Povoado Pastora.

Capítulo 5

RESULTADOS E DISCUSSÕES

ADENTRANDO AO MANGUE

Observando as catadoras de moluscos e crustáceos do Povoado Pastora, em suas atividades de coleta, fez-nos refletir sobre os sambaqueiros e suas dificuldades de adentrar ao mangue, atividade nada fácil.

Atividade difícil é percorrer a estrada que dá acesso ao mangue, (Fig. 14) saindo do Povoado Pastora, percorrendo uma distância de aproximadamente dois quilômetros, carregando os apetrechos (caixas vazadas, redes de pescar, mochilas contendo alimentos, água) para coleta (Fig. 15) sob um sol fatigante. As mariscadoras fazem esse percurso diariamente, com ânimo impressionante. É uma trilha estreita, ladeados de matos, capins cortantes, ladeiras com fendas abertas possivelmente por águas da chuva, e piçarras que fazem escorregar, mesmo estando secas (Fig. 16).



Figura 14 – Acesso ao mangue, saindo do Povoado Pastora. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 15 – Transporte de apetrechos. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 16 – Estrada que dá acesso a Pastora saindo do mangue.
FOTO: Paula Santos, 2018.

Adentrar um mangue não é uma tarefa fácil, todavia um fato interessante nos chamou atenção: todas as entrevistadas dizem ser muito divertido mariscar, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas (ataque dos mosquitos, corte com conchas de moluscos, pedras, locomoção no lamaçal do mangue, encalhar na lama (experiência própria) riscos de afogamento), e desenvolver essa atividade prazerosamente. Para as mariscadoras, mariscar funciona como um elemento contra o stress; conforme declaração de D. Terezinha (conhecida por Teka): “gosto muito de pescar, e vendo tudo de bom. Pra mim, mariscar é anti-estress. Tô estressada vou pra o mangue volto boazinha. Pra mim o mangue é tudo de bom. É meu ganho de vida, é minha distração”.

Na comunidade mariscadora de Salina da Margarida, localizada no Recôncavo Sul da Bahia, Gomes (2009, p. 02) encontra um quadro oposto às mariscadoras de Pastora: em Salinas uma das mariscadoras refere-se à mariscagem como uma atividade “difícil e estafante” e de pouco lucro comercial. D. Cleide, mariscadora de Salinas, esclarece as dificuldades de mariscar: “É cansativo,

é difícil pra caramba! Cavar de um em um ali no sol quente, pegar o peso... Pra você pegar um quilo de marisco, você passa horas ali mariscando, raspando aquela areia todinha. Lava o marisco, coloca na vasilha e leva na cabeça o peso.

A distância de casa é sempre muito, muito quilômetro, muito mesmo! E você vai lá no sol, na areia quente [...] No inverno não se fala... A chuva é chuva demais, aqui chove demais. Aí, tem que ir para a maré debaixo de chuva, trovoadas" (SILVA, 2002).

Todavia as mariscadoras de Salinas da Margarida têm muito em comum com as catadoras de Pastora: o transporte dos moluscos coletados (na cabeça); o longo percurso (muitos Km percorridos), atividade extrativa dos moluscos praticada para subsistência, desenvolvida com a participação da família e reconhecimento da importância do mangue. Palavras de D. Cleide, mariscadoras de Salinas das Margaridas: "É muito difícil mesmo, é péssimo mariscar.

Mas É bom! Eu agradeço muito a Deus de ter a maré, como muitas pessoas, porque é um meio de sustento. Porque se não tivesse a maré... Eu já chorei várias vezes, porque não tinha o que dar às minhas filhas, e naquele dia eu amanhecia aí ia mariscar. Voltava e de noite já tinha o leite, a farinha de mingau, coisa que se fosse a Salvador, ou em outro lugar não tinha né? Porque aqui, "apesar de ser pequena, pouco conhecida, tem o recurso que é a maré". (SILVA, 2002).

A mariscadora entrevistada, D. Maria Iná Marcelino, do Povoado Pastora, também reconhece a importância do mangue, declarou que marisca somente para o consumo, visto que dispõe de outra fonte de renda, todavia na opinião dela o mangue tem grande importância para vida de muitas pessoas, que dele dependem para sobreviver: "O mangue mata a fome de muita gente. A pessoa sai sem nada nas mãos, mas sempre traz alguma coisa de volta, seja siri, caranguejo, um peixe, qualquer coisa. Nunca volta sem nada."

Em campo, um comportamento das mariscadoras nos chamou atenção: as mariscadoras não se preocupam em proteger os pés, ou usar filtro solar, ao adentrar o mangue; a maioria das mariscadoras estavam com os pés descalços e usavam bermudas e bonés, na atividade de mariscar. Segundo o depoimento das entrevistadas, estando descalças é mais fácil locomover-se no mangue. Realmente comprovamos essa dificuldade com nossa experiência própria, usando tênis. O calçado encharcado de água e lama pesa, e dificulta mesmo a locomoção.

Entretanto sabemos que a atividade de mariscar, aparentemente simples, é uma atividade que muito compromete a saúde, por conta do prolongado tempo dentro da água, horas e horas agachadas, posição que compromete a coluna, promove lesões de pele por exposição à radiação solar, sem protetor. Pena (2011, p. 338) acrescenta: são freqüentes as osteartroses e exostoses causadas pelas remadas e mergulhos frequentes, a sobrecarga na região do pescoço, região lombar e punhos provocados pela atividade repetitiva, de extração dos moluscos.

Rios e colaboradores atrelam outros fatores de risco à saúde de indivíduos que coletam moluscos e crustáceos: alergias, problemas respiratórios (pneumonias e tuberculose, relacionadas à exposição climática, aos agentes patológicos e à deficiência alimentar), dermatite de contato, problemas oftalmológicos entre outros, resultados obtidos pelo pesquisador em estudos direcionados à saúde de pescadores e marisqueiros (2011 p. 185).

Podemos refletir sobre em quantos perigos os sambaquieiros incorriam ao desenvolverem suas atividades de subsistência. Algumas pesquisas apontam uma série de patologias, associadas ao padrão da atividade extrativa dos moluscos e crustáceos desses povos.

Pesquisas desenvolvidas em sambaquis, localizados na costa sul-sudeste diagnosticaram a presença da osteoartrose, em membro superiores de indivíduos, essa patologia foi identificada como stress mecânico, resultado de intensa atividade física como, nadar, remar, arremessar redes (SCHEEL-YBERT et al., 2003, p. 116) e a exostose auditiva, foi também diagnosticada nas análises, patologia que afeta o canal auditivo externo, resultado do contato frequente com águas frias, durante o mergulho, nado, pesca e *surf* (FABIANI et al., 1984 apud SCHELL-YBERT, 2003, p. 116) podendo levar a surdez.

Neves (1984, p. 51-55) identificou a incidência da osteoartrite em grupos sambaquieiros do litoral do Paraná, analisando as articulações do joelho, ombro, cotovelo, punho, quadril, tornozelo, levando em consideração, serem essas articulações as mais comprometidas, nas atividades intensas e repetidas. As únicas ocorrências de artrite no ombro aparecem nos homens e no lado direito, possivelmente resultados de arremessos de rede, utilização de machados e por atividades de lascamentos.

Observamos também que cooperação é fundamental entre as mariscadoras, quando desenvolvem suas atividades diárias: dificilmente vão ao

mangue desacompanhadas, sempre estão em grupos (Fig. 17). A utilização da redinha de arrasto, por exemplo, é uma atividade de duplanão dá para manejar sozinha; para transportar os mariscos coletados, se alguém não tem canoa, pega emprestado com amigos; no trabalho de beneficiamento dos moluscos participam amigos e familiares.

Observando, esse processo de cooperativismo entre as mariscadoras de Pastora, é possível refletir sobre aspectos de sociabilidade dos sambaqueiros. Pode corroborar com nossa reflexão, a pesquisadora Gaspar (2000, p. 57); segundo a qual não há evidências, em sambaquis estudados, de instrumentos que remetam à guerra, competição ou disputa pelos mesmos recursos, e a ocupação da áreas contiguas ou compartilhamento de mesma área de captação de recursos evidencia a “interação da comunidade” sambaqueira. Outro aspecto que evidencia a socialização dos sambaqueiros são os “festins” atividades desenvolvidas entre os sambaqueiros, de caráter “celebratório e ritual” (KLOKLER, 2012, p. 85).

Segundo Klokler (2012, p. 96): “Festins serviriam para reforçar solidariedade na comunidade ao agrupar grupos vizinhos em ocasiões importantes, no caso momentos de crise, quando da morte de um membro”.



Figura 17 – Coleta em grupo. FOTO: Paula Santos, 2018.

PETRECHOS PARA COLETAS DOS MOLUSCOS E CRUSTÁCEOS

Informações sobre instrumentos usados pelas mariscadoras de Pastora nas atividades extrativas dos moluscos e crustáceos foram obtidas durante as entrevistas e observamos sua função em campo; os apetrechos utilizados pelas mariscadoras dependem de cada animal e seu habitat, e todos os apetrechos de coleta são de tecnologia simples: facões, enxadas, facas, redinhas, candeeiro, caixas plásticas vasadas, canoa a remo para o transporte, sacos de nylon para armazenamento.

Dois tipos de instrumentos cortantes são usados em Pastora, a faca (Fig. 18) e o facão (Fig. 19), utilizados pra desprender ostras presas em raízes e pedras; ou seja, ambos possuem utilidades semelhantes.



Figura 18 – Faca usada para extração dos moluscos. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 19 – Facão. FOTO: Paula Santos, 2018.

Os instrumentos cortantes, evidenciados em sítios sambaquis, são derivados das conchas de moluscos e lascas de pedras. Silveira identifica artefatos de conchas como raspadores, espátulas, no sítio de Moa (SILVEIRA, 2001, p. 56). Prous, (1986, p.249), observa entre os kamayura, facas confeccionadas de conchas de moluscos, sendo utilizadas, para descascar mandioca e cortar cabelos.

Na Ilha de Santana (Macaé, Rio de Janeiro), pesquisadores observaram conchas de ostras (*Astrea*) com cortes “transversais ou longitudinais”, feitas intencionalmente com um possível percutor lítico, para remoção do animal de suas conchas (LIMA; SILVA, 1984, p. 26). Um leve golpe de percutor é suficiente para remover “a carapaça com o animal do substrato rochoso em que se encontra aderido, sem danificá-la” (LIMA; SILVA, 1984, p. 27).

A rede de arrasto (Fig. 20) é tipo de instrumento de pesca, uma rede trançada, de pequeno porte (existem maiores) confeccionada a partir de fibras vegetais, presa nas extremidades a uma madeira, usadas na captura de peixes e crustáceos. Essas redes geralmente são confeccionadas pelo próprio pescador. A rede é esticada por dois indivíduos, cada um segura numa extremidade, caminham no rio arrastando a rede, de modo que, os peixes e crustáceos sejam presos na rede. A quantidade capturada de animais varia de acordo com o cardume encontrado.



Figura 20 – Rede de arrasto. FOTO: Paula Santos, 2018.

O candeeiro (Fig.21) é um utensílio de fabrico artesanal, de vários tamanhos, podendo ser feito a partir de material reciclável (latas de óleos, garrafas) abastecido por produto inflamável (óleo, querosene), que alimenta um pavio (em algodão) introduzido num bico, que produz a luz. Não observamos em campo, a utilização desse instrumento, visto que é um instrumento, utilizado à noite no mangue, para capturar o aratu e não acompanhamos atividades noturnas. Se pelo dia já é uma atividade difícil, podemos imaginar o quanto é à noite.



Figura 21 – Candeeiro. FOTO: Paula Santos, 2018.

A enxada (Fig. 22) é um instrumento utilizado pelas mariscadoras para desenterrar os itãs encontrados soterrados nas croas. A caixa plástica vasada (Fig. 23). Essa caixa é utilizada pelas mariscadoras para retirar o excesso de sedimentos agregados aos sutingas, ainda no rio.



Figura 22 – Enxada. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 23 – Caixa plástica vasada. FOTO: Paula Santos, 2018.

CAPTURANDO MOLUSCOS

A coleta de moluscos na comunidade Pastora é uma atividade diária. O tempo de permanência nessa atividade depende do movimento da maré (maré cheia, maré seca), geralmente em média de quatro horas. Nesse espaço de tempo (4hs), cada mariscadora, coleta de três a quatro sacos dos moluscos; essa quantidade varia também de acordo com a abundância dos moluscos no mangue, em relação à sazonalidade (verão e inverno).

A divisão do tempo para as atividades é bem planejada pelas mariscadoras: quando não estão pescando, estão à procura de lenha morta (madeiras descartadas, sem uso) (Fig. 24) que utilizarão no “fogão à lenha”, no beneficiamento dos moluscos (Fig. 25), estão em tarefas domésticas, ou em função de diarista em residências.



Figura 24 – Lenha morta. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 25 – Fogão a lenha. FOTO: Paula Santos, 2018.

A atividade de mariscar no Povoado Pastora, segundo as mariscadoras, é uma prática de todos os dias, é uma atividade que depende do movimento da maré, que varia de um dia para outro, cerca de mais ou menos uma hora; quanto mais a maré seca (tempo que a maré se direciona para o mar) melhor para mariscar, por se ter maior visibilidade dos moluscos, na croa (banco de areia exposto com a maré baixa, e as raízes da vegetação do mangue que ficam expostas (Fig. 26), visto que os mariscos são capturados do leito arenoso do rio, das pedras, e raízes da vegetação do mangue, que, enquanto maré cheia, estão submersos.



Figura 26 – Vegetação do mangue exposta. FOTO: Paula Santos, 2018.

Todavia, D. Ana Maria, uma das entrevistadas, não escolhe horário para pescar, ela argumenta: “pra mim, não tem horário, nem maré grande, nem maré morta. Vou todos os dias ao mangue, gosto de pescar, adoro pescar é quem me dá de comer, se eu não pescar não vivo, eu não tenho emprego, por isso não tenho horário pra ir pro mangue”.

Já D. Maria Creusa, mariscadora, membro também da comunidade, entrevistada, comenta: “Vivo dentro da maré desde os oito anos, com minha mãe lá em Rita Cassete, depois me mudei aqui pra laranjeiras e continuei a pescar até hoje, gosto muito. Todos os dias posso pescar, mas tenho horário, pode ser cinco da manhã, no outro dia seis da manhã e assim por diante. Cada dia é um horário diferente, vai depender da maré. Prefiro a maré grande, quando tá seca até o casco. Maré grande é maré seca, maré morta, é cheia empanturrada”.

A coleta dos moluscos e crustáceos, as mariscadoras de Pastora praticam durante o ano todo. Todavia o melhor período da pesca é no verão. No inverno, segundo as mariscadoras, por causa da chuva (água doce), a produção diminui, “morre muito, sururu, sutinga, ostra, maçunin; no inverno tudo que é de casco diminui”, fala de D. Creusa. Mas não chegam à exaustão.

Observamos uma concordância entre o conhecimento dos catadores e pescadores, quanto à sazonalidade de pesca, e coleta de moluscos. A resposta das mariscadoras de Pastora concorda com as declarações de outras comunidades mariscadoras, a exemplo da comunidade dos pescadores de moluscos da Bacia do Pina, Recife-PE. Para oscoletores de moluscosdo Pina, o melhor tempo é a estação seca (verão), visto que no inverno a água da chuva provoca a morte de muitos moluscos. Dependentes também do movimento da maré (alta, baixa) e de estações (seca e chuvosa), a coleta dos mariscos é uma atividade diária no Pina (TEIXEIRA et. al., 2007).

Ainda em campo, observamos que a coleta de modo geral é manual, sem uso de instrumentos, como exemplo, a captura do sururu, domaçunin, e do sutinga é feita sem auxílio deinstrumentos. Fizemos registros fotográficos, da captura de todos moluscos.

Na figura 27 podemos observar o sururu (Fig. 27) enterrado superficialmente na lama do mangue sendo retirado com o dedo por uma das catadoras.



Figura 27 – Coleta do sururu. FOTO: Paula Santos, 2018.

O sutinga (Fig.28) encontra-se submerso no sedimento lodoso do rio e é capturado com as mãos sem uso de instrumentos os sutingas, são colocados em caixas plásticas vasadas, e lavados para retirar o excesso de lama e consequentemente diminuir o peso para transportar, (Fig. 29).



Figura 28 – Coleta do sutinga. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 29 – Mariscadoras tirando o excesso de sedimentos do sutinga. FOTO: Paula Santos, 2018.

Os maçunins, enterrado nos sedimentos arenoso, das croassão desenterrados com o dedo, conforme mostra (Fig. 30).



Figura 30 – Coletando macunin na croa. FOTO: Paula Santos, 2018.

O Itã, molusco bem semelhante ao maçunin, encontrado enterrado no sedimento arenoso na croa, obriga o uso da enxada e pá para sua coleta, fato que evidenciamos na imagem, enquanto Sr. Aristóteles desenvolvia essa atividade (Fig. 31).



Figura 31 – Coleta do Itã. FOTO: Paula Santos, 2018.

Com os depoimentos das entrevistas e com a participação ativa nas atividades de mariscagem, observamos que as mariscadoras atribuem às ostras, nomes específicos de acordo com seu habitat: “ostras de mangue” (*Crassostrearhizophorae*) e “ostras d’água” (*Crassostrea* sp.).

São detalhes que nos levam a perceber a intimidade das mariscadoras de Pastora, com o ambiente aquático explorado: o conhecimento sobre cada espécie que captura, o desenvolvimentos de suas técnicas de coleta, e a utilização de instrumento quando se faz necessário. Corroborando com nossa observação, Alves e Nischida (2001) advogam que, comunidades tradicionais dominam um conhecimento biótico e abiótico, que integram esse ecossistema. “O homem de sambaqui viveu em comunhão com o meio ambiente” (FIGUTI, 1993).

Ao acompanhar as atividades de coleta das ostras percebemos o seguinte: asostras do mangue (Fig. 32), que encontram-se fixadas nas raízes e caules da vegetação do mangue, são descoladas, com uso de facões ou facas, tarefa que exige experiência da mariscadora, com uma visão treinada em descobrir, o animalzinho coberto pela lama. De forma similar, as ostras d’água, fixadas em pedras submersas na água do rio, são deslocadas das pedras com facas (Fig. 33)



Figura 32 – Coleta de ostra do mangue. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 33 – Coleta da ostra d'água. FOTO: Paula Santos, 2018.

Embora não haja vestígios conservados nos sambaquis, suspeita-se que armadilhas, rede de arrasto e embarcações compunham também o arsenal de pesca dos sambaquieiros (GASPAR, 2000, p. 48). Nos sambaquis de Cosipa, segundo observações de Figuti, o artefato mais usado para a pesca nesses sítios foi a rede (1993, p. 78), algo semelhante às redes de laço ou à rede de espera observados na Baixada santista (PAIVA-FILHO et al., 1987, apud FIUGUTI, 1993, p. 76). Espécies de pequenos peixes observado por Klokner, em depósitos resultantes de “festins”, sugerem a “utilização de redes nas atividades de pesca” (KLOKNER, 2010, p. 113).

Observando que as mariscadoras contemporâneas, a exemplo das de Pastora, fazem uso de rede de arrasto na coleta de crustáceos, é prudente pensar que os sambaquieiros possivelmente fizessem uso desses instrumentos nas mesmas atividades de coleta de crustáceos, uma vez que já o faziam nas atividades de pesca.

É importante ressaltar que nossos resultados nos levam a perceber a preferência das mariscadoras pela captura de maçonin, sutinga, sururu e a ostra. A preferência dada a essas espécies de moluscos é justificada pelas mariscadoras, por ser grande a disponibilidade do recurso no mangue, e de boa aceitação, no mercado pelo consumidor.

A coleta de moluscos, exercida para subsistência, é a única fonte de renda de sustentação da família, para a maioria das catadoras que comercializam. Elas vendem os recursos no mercado em Aracaju, e na feira local aos sábados, e ainda, utilizam para consumo próprio. Das cinco mariscadoras entrevistadas, somente uma possui outra fonte de renda, as demais catadoras sobrevivem unicamente da coleta. A falta de informações de outros recursos explorados no mangue de Pastora deve-se ao foco da pesquisa: investigara coleta dos moluscos e crustáceos.

Nishida e colaboradores (2008, p. 209) também observam a preferência de coleta dos moluscos tipo ostras de mangue (*Crassostrea rhizophorae*), sururu (*Mytella guyanensis*), berbigão (*Anomalocardia brasiliensis*) e unha de velho (*Tagelus plebeius*), pelas catadoras do estuário do Rio Paraíba do Norte (João Pessoa-PB). Em Pernambuco, no município de Itapissuma, região pesqueira, as ostras e o sururu são preferidos para coleta (CARNEIRO, SILVA, 2008, p.150).

A preferência das mariscadoras de Pastora, dada aos moluscos bivalves, pode ser notada também na preferência dos sambaquieiros, refletida na composição

do material construtivo dos sambaquis, que revelam infinita quantidade de conchas. Na grande maioria dos sítios, o berbigão (*Anomalocardia brasiliiana*), as ostras e as sutingas são as mais comumente utilizadas, conforme atestam pesquisas de autores acerca desse tema (PROUS, 1992, KLOKER, 2001, GASPAR, 2000).

Estudos sobre composição faunística do sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC), por exemplo, revelam na composição primária as conchas de berbigão (*Anomalocardia brasiliiana*), mariscos (*Mitellasp*), ostras (*Ostreasp* e *Crassostrearhizophorea*) entre outros bivalves (FUGUTI; KLOKLER, 1996, p. 175).

Indagando sobre uma possível exaustão dos moluscos no mangue, durante as entrevistas, as catadoras por unanimidade, argumentaram que: “desde que se entendem como catadoras nunca perceberam que a quantidade de molusco diminui”; D. Creusa uma das mariscadoras mais antiga na coleta, comenta: “atualmente tem diminuído um pouquinho, porque tem muita gente que cata, mas é só mudar de um mangue pra outro, e, quando volta, já tá cheio de novo; dá pra todo mundo; tem de fartura. O maçunin, quanto mais a gente tira, mais ele aparece, vai nascendo desse tamaninho e muito rápido”.

Ou seja, não existe perceptível exaustão dos moluscos, nas áreas de coleta no manguezal do rio Cotinguiba, no município de Laranjeira (SE), apesar de que sinais de impacto no excesso de exploração dos mesmos foram sentidos. Resultado semelhante ao nosso, Gaspar (1998) obteve na região de Laguna, Santa Catarina, local de grande exploração dos moluscos. Nessa região a coleta dos moluscos segundo a pesquisadora é praticada intensamente no verão, abastece o Mercado Municipal da região, durante o ano todo, e, mesmo assim, não há indícios de exaustão nos bancos de moluscos.

Considerando, a população sambaquieira, consumidores de menor escala, a pesquisadora conclui que os sambaquieiros não provocaram exaustão nos bancos de moluscos, tinham alimento suficiente para o grupo, durante o ano todo. Na opinião de Lima (1999-2000, p. 272), vista a fartura dos recursos aquáticos nos ambientes ocupados pelos sambaquieiros, não havia necessidade de locomoção desse grupo em busca de alimentos, favorecendo o sedentarismo.

Com os resultados das entrevistas, e com a observação direta das atividades extrativas de moluscos, observamos que, dentro do processo do conhecimento tradicional, mariscadoras de Pastora compartilham o mesmo local de coleta (mangue), fazem uso das mesmas técnicas de coleta, instrumentos,

transporte, armazenamento, e reconhecem a importância do mangue para subsistência.

Segundo Klokler, resultados observados em depósitos de lixo resultantes de “festins” no sítio Jabuticabeira II sugerem que os sambaquieiros utilizavam-se das mesmas técnicas de pesca, os mesmos locais de captura e as mesmas espécies da fauna aquática capturadas (KLOKER, 2010, p. 113).

CAPTURA DOS CRUSTÁCEOS

As mariscadoras de Pastora de forma similar às populações sambaquieiras não fazem da coleta dos crustáceos, prática importante para subsistência. Os crustáceos: siri (*Callinectes sexosperatus*), caranguejo (*Ucidescordatus*), e o aratu (*Aratu pisoni*) são capturados em quantidade menor que os moluscos, uma vez que são pescados somente para consumo próprio.

Acompanhamos a captura do aratu (na atividade diurna) e do siri. Não foi possível observar a captura do caranguejo, uma vez que não foi localizado no mangue, durante nossa permanência no local, contudo registramos relato verbal das catadoras: os caranguejos se abrigam em tocas, na lama do mangue; para capturá-lo, o braço é introduzido na toca, até encontrar o animal que será retirado com a mão.

O aratu é encontrado em tocas na lama (Fig. 34) com uma particularidade para sua captura: a captura desse crustáceo, para quem deseja obter em grande quantidade (catadores profissionais os “aratuzeiros”), acontece à noite “faxiando” (iluminando a boca da toca) com o auxílio do candeeiro aceso, durante a maré baixa. O aratu, atraído pela luz, sai das tocas. Enquanto dia, o aratu, quando sai da toca pode ser coletado com mão, jogando sobre ele um bolo de lama; coberto pela pesada lama, o animal fica imobilizado, e facilmente capturado (Fig. 35).

No manguezal de Caravelas-BA, os aratuzeiros atraem o animal a sair da toca produzindo sons: assobiando, batendo em latas ou plásticos (SILVA et al., 2013, p. 28). Infelizmente, não temos registros fotográficos desse tipo de captura, pois por ser uma atividade noturna, não pudemos participar.



Figura 34 – Aratu saindo da toca. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 35 – Aratu capturado. FOTO: Paula Santos, 2018.

A captura do siri (Fig. 36) acontece com redinhas de arrasto (Fig. 37) ou manual, sem instrumentos, durante a maré seca, uma vez que são encontradas submersos superficialmente no rio (Fig. 38).



Figura 36 – Siri capturado. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 37 – Captura do siri com redinha de arrasto. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 38 – Captura do Siri sem instrumento. FOTO: Paula Santos, 2018.

TRANSPORTE E ARMAZENAMENTO

Para o armazenamento do material coletado (moluscos e crustáceos), são usados sacos de nylon, (Fig. 39) ou caixas de plástico vazadas (Fig. 40). O saco de nylon é simplesmente um saco básico, usado pelas mariscadoras para armazenar o produto coletado. O material coletado é transportado em canoas a remo ou, na falta da canoa, na cabeça. A canoa é uma pequena embarcação movida a remo, utilizada no transporte das mariscadoras e produtos coletados.

Tal transporte, quando feito na cabeça, é uma tarefa nada fácil, uma vez que são percorridos pelo rio, com água um pouco abaixo da cintura, aproximadamente dois quilômetros até às margens do rio, no Povoado Pastora. As mariscadoras, colaboradoras da pesquisa, não possuem canoa (Fig. 41), todavia, quando fazem uso desse transporte, é emprestada por amigos. Percorrido o rio, chegando ao local que dá acesso ao Povoado Pastora, agora, o produto coletado é transportado em carrinhos de mão, ou, ainda mesmo na cabeça, até as residências.

Uma estratégia usada para o transporte dos moluscos por D. Creuza, a qual não pudemos acompanhar e obter registro fotográfico, por motivo de doença da catadora nos deixou frustradas, contudo, registramos o fato relatado verbalmente por D. Creusa: “Hoje não tenho canoa, já tive, precisei vender. Para ir ao mangue vou e volto a pé, pelo rio. Continua falando D. Creusa: “O que pesco, faço o transporte dentro de caixa de plástico vazada, daquela de feirante ela não afunda.

Amarro na cintura e arrasto, caminhando pelo rio. “Depois carrego na cabeça até em casa.”



Figura 39 – Saco de nylon para armazenamento. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 40 – Caixa plástica vazada para transporte do material coletado. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 41 – Canoa a remo para transporte. FOTO: Paula Santos, 2018.

BENEFICIAMENTO DOS MOLUSCOS

Final das atividades de coletas no mangue, uma nova etapa de trabalho tem início, na casa das catadoras, o processo de beneficiamento dos moluscos, ou seja, a remoção do animalzinho (parte comestível) de sua concha protetora. O beneficiamento dos moluscos é tarefa que perdura por bastante tempo, a depender da quantidade coletada, em média de 12 ou mais sacos, dependendo da quantidade de participantes na coleta. Normalmente cada indivíduo como já foi informado, coleta em média três sacos por dia.

O beneficiamento dos moluscos consiste em: ferventação, remoção do animalzinho da concha, acondicionamento em sacos plásticos, pesados (1 Kg = um saquinho), e venda. No fogão à lenha, são colocados caldeirões, onde serão depositados em água fervente os moluscos, por pouco tempo – aproximadamente dez minutos – soltando-se facilmente das conchas. Para a remoção da carne dos moluscos de suas respectivas conchas, são utilizadas pequenas facas, que descolam os animais das conchas já entreabertas, uma vez já ferventados. Finalizado todo esse trabalho, a carne dos moluscos é acondicionada em saquinhos

plásticos, pesados e encaminhados para venda no mercado, em Aracaju, e na feira local aos sábados.

Observando esse processo de aferventação dos moluscos para o beneficiamento, é possível notar similaridade nessa atividade das mariscadoras de pastora com os sambaquieiros; eles usavam o aquecimento dos moluscos no fogo para remoção do animal das suas respectivas conchas, fato observado por Prous (1992, p. 259), dado comprovado segundo autor de “fossas culinárias” (fossas revestidas de barro, no fundo da quais são depositadas brasas). A presença de conchas carbonizadas de berbigão (*Anomalocardia brasiliiana*) e de mariscos (*Brachidontessp*, *Tagelusplebeius*) (KLOKLER, 2012, p.95) nos detritos associados aos festins, evidenciam também o uso do fogo para remoção dos moluscos de suas respectivas conchas.

DESCARTES DAS CONCHAS

Algumas vezes a carne dos moluscos é removida à beira do rio, quando disponibilizam de mais tempo livre, improvisando um fogão de trempe. Valendo-se de “lenhas mortas”, preparam uma mariscada (prato feito com todo tipo de moluscos), e as conchas descartadas vão formando ao longo do tempo um verdadeiro tapete na beira do rio (Fig. 42). Pensando em lenha morta (madeira em decomposição) utilizada no fogão à lenha, improvisado à beira do rio pelas mariscadoras, e utilizadas no beneficiamento dos moluscos, a “madeira morta” foi o combustível principal para os sambaquieiros, fato comprovado por análise antracológica, onde os fragmentos de carvão evidenciavam a decomposição da madeira, “por ataques de fungos, ou larvas de insetos, ocorridos antes da carbonização” (SCHEEL -YBERT, 1999, p. 50).



Figura 42 – Descarte de conchas a beira do rio formando. FOTO: Paula Santos, 2018.

Observamos que não há um aproveitamento específico das conchas dos moluscos por parte das mariscadoras de Pastora; durante as entrevistas, por unanimidade, as entrevistadas responderam que, após retirar “o animalzinho” (carne do molusco), descartam as conchas na lata de lixo, recolhidas por um caminhão que faz a coleta do lixo do povoado, todavia, quando há necessidade, podem ser utilizadas em aterros de quintais. Referindo-se ao destino das conchas, D. Creusa faz uma observação: “As conchas o caminhão de lixo leva. Antigamente eu vendia muito os sacos de conchas, hoje ninguém mais compra. Já usei as conchas para aterrar o quintal e a calçada, mas só usei a concha de maçunin, não é bom usar a concha de ostra porque ela corta igual à faca”.

Já na Praia do Sonho e da Passagem da Barra em Santa Catarina, segundo Gaspar (2000, p. 36), as catadoras dos moluscos utilizam-se das conchas descartadas para: “elevar o piso dos seus terrenos, pavimentar buracos da rua e da calçada”, seguindo um costume da população local (GASPAR, 2000, p. 36). Ainda em Santa Catarina segundo Klokler, as conchas dos bivalves são amplamente utilizadas na fabricação de ração para animais e comercializados como “material de aterro” (KLOKLER, 2016, p. 26).

Concluída a etapa de campo de nossa pesquisa, observamos um fato curioso: o comportamento festivo das mariscadoras, após a atividade de coleta, (tarefa nada fácil), é um momento de socialização com parentes e amigos, que

participaram da mariscagem; de fato, sente-se a mesma sensação, que elas sentem, (tarefa cumprida, ora de festejar), mesmo passando por momentos difíceis (medo, atolamento no mangue, dificuldade de locomoção na água do rio que pesa, usando tênis e calça jeans). Chegando às margens do rio, já no Povoado Pastora, houve um momento de posar para uma foto, que registra o fim de nossa tarefa, com distribuição de sorrisos, regados à refrigerantes e biscoitos (Fig. 43).

Esse comportamento festivo pode ser observado segundo kloker, em grupos caçadores-coletores, comemorando “a captura bem-sucedida de um animal apreciado pelo grupo. Seria considerada uma ocasião especial na qual os homens se reuniram e dividiriam a carne conquistada” (KLOKLER, 2012, p. 86). Segundo (HAYDEN, 1994, p. 231, apud KLOKER, 2012), “provavelmente todos os grupos de caçadores-coletores faziam festins e na maior parte dos casos teriam caráter celebratório e religioso”.



Figura 43 – Registro do final de nossa tarefa. FOTO: Paula Santos, 2018.



Figura 44 – Registro do final de nossa tarefa. FOTO: Paula Santos, 2018.

Capítulo 6

CONCLUSÃO

Buscamos aqui problematizar possíveis semelhanças entre as atividades de mariscagem desenvolvidas na contemporaneidade e no passado. Concluímos que, embora com a tecnologia de pesca contemporânea avançada, as mariscadoras atuais guardam fortes semelhanças na cadeia operatória da coleta de moluscos, com grupos pré-coloniais, conservando seus saberes adquiridos ao longo do tempo, que irão perpetuando, ao passarem de geração a geração.

Durante todo trabalho, pudemos estabelecer uma ponte do conhecimento tradicional entre as mariscadoras atuais, e o os sambaqueiros, em suas estratégias de subsistência. As imagens fotografadas, as informações obtidas nos diálogos com as entrevistadas, o trabalho de participação direta constituem documentos, carregados de significados, os quais, submetidos à analogia com a literatura acadêmica, de pesquisas já desenvolvidas na área do mesmo interesse, atestam similaridades em vários aspectos da cadeia operatória da coleta, da comunidade contemporânea de catadoras, com a comunidade sambaqueira: conhecimento e manejo do ambiente aquático, preferência pelos moluscos (ostras, sururus e

maçunim), transporte, técnica de captura, atividade praticada em grupo e não disponibilizam de instrumento específico para extração dos moluscos.

Fazendo uma analogia das atividades de coletas da comunidade Pastora das mariscadoras com outras comunidades de mariscadoras contemporâneas, observamos, que estas possuem similaridades, embora com diferenças regionais. No estuário paraibano a coleta de molusco assemelha-se bastante às técnicas das catadoras de Pastora; a coleta dos moluscos é feita com “as mãos nuas” ou com instrumentos adaptados (NISHIDA et al., 2008, p. 209).

Em Pernambuco, no município de Itapissuma, região pesqueira, segundo Carneiro e Silva (2008,) as ostras, e sururus são os preferidos para coleta; para captura do sururu nesse município, o instrumento usado é o espeto; e a foice para captura das ostras. Em Itapissuma, o siri é capturado com anzol, linha e iscas (tipo vísceras de galinha e manjuba), já o caranguejo é coletado manualmente sem uso de instrumentos; para captura do sururu nesse município, o instrumento usado, é o espeto; e a foice para captura das ostras (CARNEIRO; SILVA 2008, p. 150).

Em Caravelas município da Bahia, encontramos uma técnica de pesca diurna para aratus: com a maré baixa são atraídos por iscas (de origem animal), presas a uma linha (barbante) e vara (SILVA et al., 2013) Ainda segundo os autores, para a técnica de atrair o aratu pela luz, na pesca noturna foi utilizada a luz de “lanternas à pilha” em 2007, pelos “aratuzeiros” de Povoação São Lourenço (Goiana-Pernambuco) (SILVA et al., 2013, p. 28).

Em Santa Luzia do Ithanhy-Se. catadoras de aratu utilizam-se da mesma estratégia dos aratuzeiros de Caravelas-BA: ou seja “entoam músicas” associadas a batidas em latas, plásticos e assobios para atrair o animal; atraídos pelo som, o animal sai da toca e são fisdados por iscas colocadas na ponta de uma linha presa a uma vara, instrumento confeccionado pelas mariscadoras (BRANDÃO O. B., 2016, p. 57).

Pensando na estratégia de usar a luz do candeeiro para atrair o aratu, pela comunidade de Pastora e a observação de Lima; Silva (1984) e Silva (2013) sobre a “atração que a luz exerce em determinadas espécies de peixe à noite, e não descartando a possibilidade do uso das luzes das fogueiras na pré-história, para a captura dos peixes (LIMA; SILVA, 1984 p. 22), é prudente refletir sobre a possibilidade que mesma estratégia poderia ser aplicada pelos sambaquieiros na captura do crustáceo?

Na baixada santista, segundo Diegues (1989, p. 34), o siri é pescado com espinhel (bambu, preso a uma linha de nylon e anzol, aos quais se prendem iscas, vísceras de bovinos – bofe).

Após o trabalho de analogia, concluímos que: analisando os instrumentos de coleta de moluscos de comunidades catadoras contemporâneas não encontramos nenhum específico para essa atividade; os instrumentos são simples; a intimidade e adaptação das mariscadoras de Pastora com o ecossistema do manguezal; o conhecimento sobre cada espécie que captura; o desenvolvimento das técnicas de coleta; o melhor tempo (clima e movimento da maré) de pesca; a capacidade das mariscadoras de compreenderem o ambiente ao seu entorno; e as atividades similares ao cotidiano dos sambaquieiros, ditados na literatura acadêmica.

Tais resultados podem ser ponte para dar continuidade à investigação na atividade de subsistência dos sambaquieiros com foco agora para preparação dos alimentos pela população sambaquieira.

Apêndice (I)

TRABALHO DE CAMPO – ENTREVISTA ESTRUTURADA	
PESQUISADOR:	
ENTREVISTADO (A):	
DATA: / /	IDADE: SEXO: () M () F
GRAU ESCOLARIDADE:	
ENDEREÇO:	
ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO	
1	Há quanto tempo é marisqueiro (a)?
2	Aprendeu com quem a mariscar?
3	Essa atividade é prática individual ou em grupo?
4	Que transporte usa para chegar ao local de coleta?
5	Essa atividade é praticada qualquer dia, ou tem os dias específicos? Por quê?
6	Quanto tempo permanece nesse local?
7	Essa é uma atividade para seu consumo ou como fonte de renda?
8	Existe um período de mais abundância, de moluscos e crustáceos?
9	A coleta é sempre num mesmo local, ou há um rodízio?
10	Quais os tipos de moluscos e crustáceos coletados?
11	Como é feito o armazenamento e transporte dos mariscos* até sua residência?
12	Onde são descartadas as conchas, e cascos dos crustáceos?
13	De que modo são coletados de seu habitat cada espécie de mariscos?
14	Quais artefatos usados para coleta?
15	Se artesanal, qual o material usado na fabricação desses artefatos?
* Marisco – invertebrado marinho comestível, como camarão, mexilhão, etc.	
FONTE: Houaiss Dicionário da Língua Portuguesa.	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Analee Cruz. **“Gente das Terras e das Águas”**. Avaliação da Pesca e dos Resíduos de MYtella SPP, Pelas Marisqueiras da Taiçoca de Fora – Nossa Senhora do Socorro /SE. 2016. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe.

BAIXA MAPA. Disponível em: <<http://www.baixarmapas.com.br/mapa-de-sergipe/>> Acesso em: 17 out. 2016.

BANDEIRA, D. Rocha, Vania L. de Souza, Silvério M. Figueiredo. **Estudo da Ictiofauna do Sambaqui Porto do Rio Vermelho II-** (SC. PRV- 02), Ilha de Santa Catarina. Brasil, 2014.

BANDEIRA, D. Rocha. **Mudança na Estratégia de Subsistência:** o sitio Arqueológico Enseada I – Um Estudo de Caso. Dissertação do Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Centro de Ciências Humanas. 1992.

BELÉM, Fabiana Rodrigues. **Do seixo ao zoólito, a indústria lítica dos sambaquidos sul catarinense:** aspectos formais, tecnológicos e funcionais. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP) 2012.

BECK, A. Maria. **A Variação do Conteúdo Cultural dos Sambaquis.** Litoral de Santa Catarina. Tese de Doutorado, 1972.

CALIPPO, F. Rizzi. **Sociedade Sambaqueira, Comunidades Marítimas.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP) para obtenção do título de Doutor em Arqueologia. 2010.

CALIPPO, F. Rizz. **O Surgimento da Navegação Entre os Povos dos Sambaquis:** argumentos, hipóteses e evidências. R. Museu Arq. Etn., São Paulo, n. 21, p. 31-49, 2011.

BRANDÃO, Barbara. O. **A valorização dos produtos tradicionais através da indicação geográfica:** o potencial do aratu de Santa Luzia de Ithanhí. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós- Graduação em Ciências da Propriedade Intelectual da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, fevereiro de 2016.

CARNEIRO, M. A. Bezerra, Cristiane M. R. Farrapeira, Karla Maria Euzébio da Silva. **O Manguezal na Visão Etnológica dos Pescadores Artesanais do Canal de Santa Cruz, Itapissuma, Pernambuco Brasil.** Programa de Pós- Graduação em Ensino das Ciências. Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) Revista Biotema, 21 (4) 2008 ISSN 0103 -1643.

DIEGUES, A. Carlos. **Estratégia de Sobrevivência de Comunidades Litorâneas em Regiões Ecologicamente Degradadas**. O caso da Baixada Santista. Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil – F. FORD/UICN/IOUSP. São Paulo, 1989.

DIEGUES, A. Carlos & Arruda, Rinaldo S. V. **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. Núcleo de Pesquisa Sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas do Brasil. NUPAUB. Universidade de São Paulo-USP. 2000.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em Pesquisas Qualitativas**. Editora UFPR, 2004. Educar, Curitiba, n.24, p. 213-225.

FIGUTI, L. **O Homem Pré-histórico, o molusco e o sambaqui**: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. Rev do Museu de Arqueologia e Etnologia, 3: 67-80, São Paulo , 1993.

FIGUTI, L. Os Sambaquis Cosipa (4200 a 1200 anos AP): **Estudo da subsistência dos povos pescadores, coletores pré-históricos da Baixada Santista**. Rev. de Arqueologia São Paulo, 8 (2):267 -283- I 994-95.

FIGUTI, L.; Klokler, D. M. **Resultados preliminares dos vestígios arqueológicos do sambaqui Espinheiros II**, (Joinville S C). Rev. Do Museu de Arqueologia, e Etnologia, São Paulo, 6: 169-187, 1996.

GASPAR, Maria Dulce. **Análise da Bibliografia Sobre Pescadores Coletores e Caçadores, que Ocuparam o Estado do Rio de Janeiro**. Estudos bibliográficos: Ensaio – Revista do Museu de Arqueologia e etnologia, São Paulo, 6: 337-367, 1996.

GASPAR, M. Dulce. A pesca Tradicional a Coleta de Molusco e os Construtores de Sambaquis de Laguna, Santa Catarina. 1999.

GASPAR, M. Dulce. **Sambaqui**: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

GASPAR, M. Dulce et al. **Novas Perspectivas Na Reconstituição do Modo de Vida dos Sambaquieiros**: uma abordagem multidisciplinar. Revista Arqueologia, 16:109 – 137, 2003.

GASPAR, M. Dulce, D. Klokler, Gina F. Bianchini. **Arqueologia Estratégica**: abordagem para o estudo da totalidade e construção de sítios monticulares. Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi. Cienc. Hum. Belém, v. 8, n. 3, p 517- 533, set.-dez. 2013.

GOMES, R. Carla. **A vida no Vai-E-Vem das águas**: Mulheres Marisqueiras de Salinas da Margarida, Trabalho Cultura e Meio Ambiente. ANPUH – XXV Simposio Nacional de Historia – Fortaleza, 2009.

GONZALEZ, M.B. **Utilização de Ferrões de Raias Pelos grupos de Pescadores-Coletores do Litoral de São Paulo**. Caderno do CEOM – Ano 19, n. 24 – Cultura Material. 2005.

HILBERT, L. Maximilian. **Análise Ictioarqueológica dos sítios: Sambaquis do Recreio, Itapeva e Dorva.** Município de Torres e Três Cachoeiras. Rio Grande do sul, Brasil. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Zoologia, 2011.

IBGE. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280360>> Acesso em: 17 out. 2016.

JUNIOR, M. Ramos. **Pescando, Capturando, ou coletando?** Interpretação Zooestratigráfica de um Sambaqui com Terra Preta na Baía de Paranaguá, Paraná. Curitiba. 2014.

KLOKER, Daniela, Magalhaes. **Construindo ou Deixando um Sambaqui?** Análise de sedimentos de um sambaqui do litoral meridional do litoral brasileiro: processos formativos, região de Laguna SC. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2001.

KLOKLER, Daniela Magalhães. **Consumo Ritual, Consumo No Ritual: Festins Funerários em Sambaquis.** HABITOS, Goiânia, v.10, n.1, p.83-104, julho./dezembro. 2012.

KLOKLER, Daniela Magalhães. **Adornos em Conchas do Sítio Cabeçuda:** Revista às Amostras de Castro Farias. Revista de Arqueologia, V. 27, n.2, 2014.

KLOKER, Daniela Magalhães. **Comida para o corpo e Alma; Ritual Funerário em Sambaquis.** Revista de Arqueologia. Volume 23 – Número 1- julho 2010 –ISSN – 0102 – 0420.

KNEIP, L. Maria. L. C.MACHADO. **Padrões dentários, dieta e subsistência das populações dos sambaquis deSaquarema.** RJ. Revistade Arqueologia, São Paulo, 8(1):45-57,1994.

KNEIP, L. Maria; Crancio Filomena; Francisco Benedicto H. Rodrigues. **O Sambaquida Beirada** (Saquarema – Rio de Janeiro) aspectos culturais e paleoambientais. Revista de Arqueologia,1998.

LIMA, Tânia Andrade; R.C.Pinheiro da Silva. **Zoo-Arqueologia: Alguns Resultados da Pré-história de Santana.** Rev. Arqueologia, [S.1.], v.2, n.2, p. 10-40 dez.1984.

LIMA, Tânia Andrade. **Em Busca dos Frutos do Mar:** os pescadores coletores do litoral centro-sul do Brasil. Revista USP, São Paulo. 44 p.270-327, dezembro/fevereiro, 1999-2000.

MARTINELLI, S. Amâncio; Dominguez J. M. L. **Avaliação de Áreas Potenciais à presença de Sambaquis na Costa do Estado de Sergipe.** Utilizando como Ponto de Partida. Uma Compreensão da Evolução da Zona Costeira nos Últimos 5.600 Anos A. P. 2003

MARTINELLI, S. Amâncio. **Processo de formação do sambaqui Ilha das Ostras,** no litoral Norte do estado da Bahia. Tese de Doutorado (Programa de Pós-

graduação em Geologia), Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia 2013.

MARCONI, Mariana de Andrade; Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Editora Atlas S.A. 5. ed. - São Paulo . Atlas: 2003.

NEVES, Walter. **Incidência e distribuição de osteoartrite em grupos coletores do litoral do Paraná**. Uma abordagem osteobiográfica. Clio, série Arqueológica. 1989.

NICHOLAS, David & Carol Kramer. **Teorizando a Etnoarqueologia e a Analogia-Originalmente**. Este artigo faz parte, como o segundo capítulo, de uma obra mais abrangente, intitulada Etnoarqueologia em Ação, coautoria de Nicholas David e Carol Kramer (2001).

NISHIDA, A. Kioharu. A. R. da Nobrega. **A Ecdise do Caranguejo-Uça, Ucides Cordatus L.** (Decapoda Brachyura) na Visão dos Caranguejeiros. Interciências, março 2001, vol. 27 n.3.

NISHIDA, A. Kioharu; N. Nordi; R. R. Da Nobrega Alves. **Abordagem Etnológica da Coleta de Moluscos no Litoral Paraibano**. Tropical Oceanography, Recife: v. 32, n. 1, p. 568, 2004.

PENA, Paulo, Giovane, Lopes; Freitas, M.C. Soares; Cardim, Adryanna. **Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de mariscadeiras na Ilha de Maré - Bahia**. Ciências & Saúde Coletiva (16) 8 3383-3392, 2011.

POLITIS, Gustavo G. **A Cerca de La Etnoarqueologia En América Del Sul**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n.18, p.61-91, dez/2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LARANJEIRAS.
<http://www.laranjeiras.se.gov.br/historias.asp>. acessado em 15-05-2016.

PROUS, André. **Moluscos e a Arqueologia Brasileira**. Arq. Mus. Hert. Nat. UFMG. Belo Horizonte. V.11:241-298- 1986/1990.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Editora Universidade de Brasília, 1992.

RIOS, A. de Oliveira; Rita de C. F. Rego; Paulo G. L. Pena. **Doenças em trabalhadores da pesca**. Revista Baiana de saúde pública. v. 35, n. 1, p. 175-188 jan./mar, 2011.

ROSA, A. Osorio. **A Importância dos Mariscos na Subsistência de Antigos Grupos Indígenas no Litoral Central**. Sítios RS-LC-81, 86,87,90,92 e 96. Pesquisas, Antropologia 63, 259-288. São Leopoldo: IAP, 2006.

SILVEIRA, Maura, Imazio da. **Você é o Que Você Come**. Aspectos da Subsistência no Sambaqui do Moa/squarema, RJ. Tese apresentada à Área Interdepartamental de Arqueologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da

Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Arqueologia, Junho/2001

SILVA, C. G. Martins; M. do C. F. Santos; E. R. O. Botelho; F. M. Correa; L. Almeida. **Aspecto Populacionais do Aratu Goniopsiscruentata** (LATREILLE, 1803) (DECAPODA, GRAPSIDAE) No Manguezal de Caravelas (Bahia- Brasil). Bol. Tec. Cient. CEPENE. Tamandaré– PE – v. 19, n. 1, p. 27-36. 2013.

SILVA, Fabiola Andrea. **Etnoarqueologia:** uma perspectiva arqueológica para o estudo da Cultura Material. MÉTIS: história & cultura – v. 8, n. 16, p. 121-139, jul./dez. 2009.

SOUTO, F. J. Bezerra & Martins, V. Souza. **Conhecimento Etnológico na Mariscagem de Moluscos bivalves no Manguezal do Distrito de Acupe, Santo Amaro – BA.** Revista Biotemas, 22 (4) dezembro 2009.

SUGUIO, kenitiro; J. R. de Almeida. **Os Significados dos Sambaquis Brasileiros e o Potencial Ecoturístico**, dos Sítios Arqueológicos, da Planície Costeira Cananeia-Iguape e Ilha Comprida (São Paulo). Revista ACTA Geográfica, ANO V, Nº9, pp.117-133 jan./jun. de 2011.

SCHEEL-YBERT Rita. **Relações dos Habitantes dos Sambaquis Com o Meio Ambiente:** Evidências de Manejo de Vegetais na Costa Sul-Sudeste no Brasil Durante o Holoceno Superior. Disponível em: <http://www.abequa.org.br/trabalhos/projeto_16.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2017.

SCHELL-YBERT Rita. et al. Novas perspectivas na reconstituição de vida dos sambaquieiros. **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 109-137, dez. 2003. ISSN 1982-1999.

SCHEEL-YBERT, Daniela Klokler, M. D. Gaspar, R. Levi Figut. **Proposta de Amostragem Padronizada Para Macro Vestígios Bioarqueológicos:** Antracologia, Arqueobotânica, Zooarqueologia. Revista do Museu De Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16: 000-000, 2005-2006.

SCHEEL-YBERT Rita. et. al. Processo de Formação do Sambaqui Jabuticabeira – II: Interpretações Através de Análises Estratigráficos de Vestígios Vegetais Carbonizados. R. Museu Arq. Etn., São Paulo, n.21, p.51-69, 2011

SCHEEL-YBERT Rita.; Gaspar, M. D.; Klokler, D.; Bianchini, G.F. Sambaqui de Amorins: mesmo sitio, perspectivas diferentes. Arqueologia de um sambaqui 30 anos depois 2013

TOLEDO, Vitor M. **Povos/ Comunidades Tradicionais e a Biodiversidade.** Instituto de Ecologia, UNAM, México. Encyclopedia of Biodiversity, Academic Press, 2001.

VERGARA, Antônio G. **Possibilidades de Interpretação – O Uso da Etnoarqueologia**– 2010. Disponível em: <<http://www.eeh2010.anpuh->

rs.org.br/resources/anais/9/1279506312_ARQUIVO_Artigo-Possibilidades>. Acesso em: 8 maio 2017.

WESOLOWSKI, Veronica; Sousa, S. M. F. Mendonça; Reinhard Karl; CeccantiniGregório. **Grânulos de Amidos e Fitólitos em Cálculos Dentários Humanos:** Contribuição ao Estudo e Modo de Vida e Subsistência de Grupos Sambaquieiros do litoral Sul do Brasil. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 17:191-2010, 2007.